

A MÍSTICA DO COTIDIANO COMO EXPERIÊNCIA AUTÊNTICA DO DEUS DA VIDA

DIA PAULUS

20 DE AGOSTO

"Nossas livrarias são templos; o livreiro é um pregador; luz, santidade, alegria em Jesus Cristo e vida cristã são os frutos que se procuram. Não são comércio, mas meios de pregação e de apostolado."

Bem-aventurado Tiago Alberione
Fundador da PAULUS



CEMEMORE CONOSCO!

20 DE AGOSTO é o aniversário da fundação da Pia Sociedade de São Paulo – PAULUS, ocorrida na Itália, em 1914. Por isso, nessa data celebraremos 106 anos de serviço à evangelização e à cultura em mais um Dia PAULUS, um evento de ação de graças e comemorações, com programação especial e descontos nas livrarias físicas e na virtual.

30% DE DESCONTO
nas publicações PAULUS

* Exceto periódicos e produtos importados. Válido somente para pagamentos à vista.



Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

**vida
pastoral**

“Pra toda parte que eu óio, vejo um verso se bulí.” O verso aqui é do poeta Patativa do Assaré, declamando o sertão. Uma expressão aparentemente simples revela um olhar sensível, capaz de adentrar o profundo, a complexidade e o contraditório da vida. Um olhar fino, porque contém o que há de mais fino no mundo: o sentimento. Ver um verso se bulindo em toda parte é ter nos olhos a esperança, é fazer valer o brilho do olhar, e dessa luminosidade adentrar o fenômeno: a flor que desabrocha, a formiguinha, o pássaro, a criança que sorri, o andar trôpego do idoso, o crepúsculo. A sensibilidade poética faz a existência toda valer a pena com tão somente o soprar do vento, a nuvem que se desfia nos céus, o luar ou o ladrar do discreto vira-lata. O bulício aponta para a vida que está em movimento. Nesse movimento, a vida pulsa naquilo que parece óbvio e para além dele. A vida simples, em sua cotidianidade, também marcada pelo conflito, pode estar arraigada de poesia.

Esse arraigamento permeia também a dureza da vida, naquilo que os místicos chamam de *a noite escura* ou *a aridez da alma*. A inspiração poética é como água de cacimba: brota leve e boa para saciar a sede, refrescar a garganta já rouca, quando embarga de saudade ou solidão. Poesia é arte, e como dizia Ferreira Gullar: “a arte existe porque a vida não basta”. A vida que não basta é aquela da rotina e dos protocolos frios.

Esta edição de *Vida Pastoral* não é exatamente sobre poesia, mas é sobre isso também. A verdadeira mística pausa e faz voo no terreno da poesia, transcende. Que se saboreie a obra de Santa Teresa d’Ávila: “vivo sem em mim viver / e tão alta a vida espero, / que morro de não morrer”. Que se degustem poemas de São João da Cruz: “À medida

que a noite se aproxima, / faz-me de novo lembrar / que a alma que caminha no amor, / não descansa nem se cansa”.

Este número da revista quer percorrer sobre o aspecto da mística para a missão. O primeiro artigo, de *André Luiz Boccato de Almeida* e *Francisco Galvão*, discute o conceito de mística, relacionando-o ao papel do comunicador, e sua relação com a mídia. Aborda a importância do silêncio, da oração e da reflexão para uma comunicação autêntica. Na sequência, *Douglas Alves Fontes* apresenta o tema da mística na perspectiva da vida presbiteral. Com base em textos da Escritura e do magistério e em poesias de dom Hélder Câmara, o autor reflete sobre a figura daquele que permanece sendo a ponte entre Deus e a humanidade. *Edson Oriolo*, por sua vez, parte dos gestos simbólicos do papa Francisco e lança um olhar profundo para a sua eclesiologia, que subjaz nesses gestos, mas não se reduz a eles, no sentido de adentrar a compreensão sobre o sacerdócio na perspectiva do bispo de Roma. Por fim, *Faustino Teixeira* observa os aspectos místicos ou “roteiro de Deus”, o “pedaço do infinito” na obra clássica de Guimarães Rosa – *Grande sertão: veredas* –, buscando sobretudo captar o traço espiritual de Riobaldo Tatarana em suas andanças pelo sertão.

Para iluminar nossa reflexão sobre a Palavra de Deus, temos os Roteiros homiléticos, desta vez com a preciosa colaboração de *Ir. Rita Gomes*.

Desejamos a todos que a missão de cada um seja permeada da mística do Evangelho, de modo que não nos falte entusiasmo para semear o bem, que gera a justiça e a paz.

Boa leitura!

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp
Editor

vida pastoral

Revista bimestral para sacerdotes
e agentes de pastoral

Ano 61 - Nº 334
Julho-Agosto de 2020

Editora

PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO

Jornalista responsável

Valdir José de Castro, ssp

Editor

Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Conselho editorial

Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Darci Luiz Marin, ssp

Paulo Sérgio Bazaglia, ssp

Sílvio Ribas, ssp

Ilustrações

Patrícia Campinas (artigos)

e Luís Henrique Alves Pinto

(Roteiros Homiléticos)

Imagem da capa

iStock

Diagramação e projeto gráfico

Elisa Zuigeber

Revisão

Alexandre Santana

Tiago José Risi Leme

Assinaturas

assinaturas@paulus.com.br

(11) 3789-4000

WhatsApp: 99974-1840

Rua Francisco Cruz, 229

Depto. Financeiro • CEP 04117-091

São Paulo/SP



Redação

© PAULUS – São Paulo (Brasil)

ISSN 0507-7184

vidapastoral@paulus.com.br

paulus.com.br / paulinos.org.br

vidapastoral.com.br

Periódico de divulgação científica.

Área:

Humanidades e artes.

Curso: Teologia.

Sumário

A MÍSTICA DO COMUNICADOR 4

André Luiz Boccato de Almeida
e Francisco C. S. Galvão

A MÍSTICA SACERDOTAL 13

Douglas Alves Fontes

O MINISTÉRIO SACERDOTAL
PARA UMA IGREJA EM SAÍDA 22

Edson Oriolo

RIOBALDO E O ROTEIRO DE DEUS
GRANDE SERTÃO: VEREDAS 32

Faustino Teixeira

ROTEIROS HOMILÉTICOS 43

Rita Gomes

Assinaturas

A revista **Vida Pastoral** é distribuída gratuitamente pela Paulus.

A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas postais
e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria Paulus e desejam
receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados
para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ)
e de contribuição espontânea para a manutenção da revista. Para os que já
são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados
também o código de assinante.

Para contato:

E-mail: assinaturas@paulus.com.br

Tel.: (11) 3789-4000

WhatsApp: (11) 99974-1840

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados
e cópia de comprovante de depósito da contribuição
para despesas postais para:

Revista Vida Pastoral – assinaturas

Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro

04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição
para despesas postais:

Banco do Brasil: agência 300-X, conta 105555

Bradesco: agência 0108-2, conta 324139-4

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de setembro, 61 – Campina
(91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco
Edifício Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasil@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

COTIA – RAPOSO TAVARES

Av. das Acácias, 58 – Jd. da Glória
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Rua Peregrino de
Carvalho, 134 – Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75 - Barris
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metró Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br

A MÍSTICA DO COMUNICADOR

O artigo discute o conceito de mística, relacionando-o ao papel do comunicador, e sua relação com a mídia. Aborda a importância do silêncio, da oração e da reflexão para uma comunicação autêntica.



*Pe. André Luiz Boccato de Almeida, op, é frade dominicano e professor de Teologia na graduação e no programa de pós-graduação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Doutor em Teologia Moral (Pontifícia Universidade Lateranense de Roma), é pesquisador e escritor; dentre suas linhas de pesquisa, destacam-se: teologia moral, ética teológica, bioética, educação, pluralismo antropológico e ciências humanas, relação entre a formação da consciência, os processos de subjetivação e questões de psicanálise. E-mail: a.l.boccato@gmail.com

*Francisco Galvão é religioso paulino; mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, graduado em Teologia pela Faculdade São Bento de São Paulo. É escritor e pesquisador nas áreas de midiatização, celebração, espiritualidade e resiliência. Autor dos livros *O cultivo espiritual em tempos de conectividade* e *Minuto de resiliência: para viver com sentido* por PAULUS Editora. E-mail: galvao@paulus.com.br



“NO FUNDO DE TODA EXPERIÊNCIA MÍSTICA – E DO PRÓPRIO TERMO MÍSTICA – HÁ UM DESEJO ARDOROSO E VEEMENTE DE VER A DEUS.”

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade cada vez mais midiaticizada e interconectada, onde “todos” escrevem, publicam, fotografam e, com apenas um clique, compartilham suas ideias e experiências com centenas de amigos nas redes sociais. Diante do excesso de informações, nunca visto na história da humanidade, é importante refletir sobre os desafios de ser um verdadeiro comunicador nos dias de hoje, considerando a necessidade de uma comunicação cada vez mais humana, profunda e autêntica.

Por conta disso, pretende-se, aqui, relacionar o tema da comunicação e do comunicador, propriamente, com o da espiritualidade e da mística de inspiração cristã. Como relacionar a mística – que trata sobre o mistério e o envolvimento da pessoa em Deus – com a atividade do comunicador, constantemente imerso no mundo das notícias, das informações e da veiculação rápida de ideias e valores? O que a mística e a espiritualidade têm a oferecer aos comunicadores do nosso tempo? Essas e outras questões serão desdobradas aqui nos três pontos que se seguem.

1. O SENTIDO DA MÍSTICA

A palavra *mística* é proveniente do adjetivo grego *mystikos*, derivado dos verbos *myo* – referente ao ato de fechar os olhos e a boca, para gerar um mistério internamente – e *myeo*, cujo sentido é penetrar no mistério. Por trás dessa expressão, escondem-se ricas compreensões e concepções antiquíssimas. Independentemente do seu uso, o vocábulo indica uma experiência humana do sagrado, plena de profundidade, que vai muito além de qualquer vivência própria das religiões. Por isso, a história da mística – isto é, daquela

experiência que se faz no plano sobrenatural e nas profundezas misteriosas do encontro entre o ser humano e Deus – só pode ser a tentativa de apreender a experiência que, ao longo dos séculos, o ser humano fez dessa presença misteriosa, mas também clara, secreta e luminosa (DEL GENIO, 2003, p. 706).

No fundo de toda experiência mística – e do próprio termo “mística” – há um desejo ardoroso e veemente de ver a Deus, dar-se conta de que ele existe e de que é inútil procurá-lo fora de si, porque ele está no íntimo da pessoa mais do que ela própria. Místicos e místicas houve em todos os tempos e lugares, e haverá sempre e em toda parte, porque pensar ou criar misticamente é uma necessidade insuprimível da vida, assim como é o pensar (filosoficamente falando), o criar poético e a própria comunicação em sentido profundo.

Enquanto a mística, em sentido amplo, indica a totalidade do fenômeno de íntima união de cada pessoa com o sagrado, ela também pode ser compreendida como a vivência dessa experiência mediada por uma tradição religiosa; eis então por que é possível falar em mística budista, xintoísta, judaica, cristã, muçulmana etc. (PORTO; SCHLESINGER, 1995, p. 1784). Com efeito, ratifica Grün (2012), “a mística é um fenômeno comum a todas as religiões, ainda que em formas totalmente diversas” (GRÜN, 2012, p. 9).

A experiência mística, na verdade, é um fenômeno totalizante, no qual estão integrados todos os aspectos da complexa realidade humana. Como primeira aproximação, podemos dizer que essa experiência tem lugar no terreno do encontro com o Outro absoluto, cujo perfil misterioso se desenha sobretudo nas situações-limite da existência e diante do qual acontece a experiência do sagrado

(LIMA VAZ, 2000, p. 15). Essa experiência íntima e profunda é propriamente um ato de comunicação, sobretudo quando se leva em consideração que a própria etimologia dessa palavra é *communicare*, significando “partilhar, participar algo, tornar comum” (PUNTEL, 2015, p. 169) e indicando, em última instância, a necessidade ontológica do ser humano de se relacionar.

Diante dessa comunicação misteriosa e inexprimível – própria da mística –, há, da parte do sujeito, uma certeza de anulação da distância entre o sujeito e o objeto imposta pela manifestação do Outro absoluto mediante quatro aspectos: como *tremendum* (“arrepiaante”), como *avassalador* (*majestas*), como *enérgico* e como *mysterium* (“o totalmente outro”). Se a mística ou o mistério se revela como algo oculto, a relação interpessoal (comunicacional) exprime-se como o inominável, mas profundamente presente (OTTO, 2014).

Se o sentido último da mística, enquanto experiência de profundidade interior, é o desejo de união, doação, intimidade e comunhão com algo – visível ou não –, pode-se dizer que essa realidade, presente em todo ser humano, é um dado antropológico original e de difícil compreensão total. Todas as tradições religiosas estão repletas de exemplos de homens e mulheres que se deixaram conduzir por esse desejo de união integral, a ponto de se sentirem ausentes de si mesmos.

Na tradição cristã, trazemos à memória apenas alguns nomes conhecidos, tais como: São Paulo (apóstolo), Pseudo-Dionísio, o Areopagita, Orígenes, São Gregório de Nissa, Santo Agostinho, São Bernardo, São Francisco de Assis, São Domingos de Gusmão, Santa Catarina de Sena, São Boaventura, Santo Tomás de Aquino, Santo Inácio de Loyola, Santa Teresa de Jesus, São João da Cruz, Santa Teresa do Menino Jesus, Dietrich Bonhoeffer, Romano Guardini, Karl Rahner, entre muitos outros e outras modernos e contemporâneos.

Espiritualidade para insatisfeitos

José M. Castillo



264 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Em tempos de tantos questionamentos à espiritualidade cristã, é urgente discuti-la de forma lúcida. Um dos equívocos combatidos é a impressão de que a espiritualidade entra em conflito com a felicidade e promove alienação das demandas sociais. A obra, que vai de encontro a esse e outros mal-entendidos, apresenta o significado e a forma de viver uma espiritualidade que não renuncia à nossa condição de cidadãos do mundo nem à premente necessidade de sermos felizes.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

“PARA SER UM COMUNICADOR, NÃO BASTA COMPARTILHAR COISAS NAS MÍDIAS SOCIAIS E DESPEJAR, AOS QUATRO CANTOS DO MUNDO, INFORMAÇÕES OU CONTEÚDOS SEM CRIVO E REFLEXÃO.”

A experiência mística, sendo uma realidade visceralmente presente em todo ser humano, caminha junto com a exterioridade e a necessidade de viver e se comunicar com as pessoas ao redor. Quando se vivem momentos de mudanças profundas, de graves crises religiosas que não podem deixar de influir sobre a compreensão e a realização da atitude orante, a busca de respostas não pode se deter em reformas superficiais, em reabilitação de fachadas, em operações estéticas (VELASCO, 2003). São os fundamentos que ficam abalados. Desse modo, as respostas a essas grandes questões acionam a interioridade e buscam por fundamentos sólidos diante da superficialidade.

Se, do ponto de vista antropológico, há no ser humano o desejo profundo de uma experiência que o faça sair de si mesmo, em comunicação e colaboração com o Outro e os outros, também há outra perspectiva de fruição total no Outro que é uma experiência comunicacional indizível e in-comunicável; apenas se sente para além de qualquer mecanismo racional. Sabe-se, mas não se explica muito. Exprime-se mediante a “fome de experiência” (SUDBRACK, 1992, p. 291), que pede experiências que jamais sejam suprimidas e, uma após a outra, conduzem a uma experiência maior e mais complexa.

A mística é, portanto, essa realidade que revela a profundidade, a interioridade, a transversalidade, a verticalidade e a horizontalidade do ser humano. Tais características apenas apontam para o desejo interno e externo que o ser humano possui de se comunicar e exprimir como dom, doação e oblatividade. É necessário, nos dias de hoje, aprofundar essa condição do humano não

apenas como comunicador de ideias, imagens ou outras referências, mas, acima de tudo, como comunicador do seu ser em detrimento da cultura do ter.

2. O COMUNICADOR E A MÍDIA: UM ENCONTRO FECUNDO

Vivemos imersos no mundo digital, onde o rádio, a televisão, o computador e, sobretudo, o celular, com suas inúmeras possibilidades de conexões, parecem cada vez mais inseparáveis de nosso cotidiano. Nessa conjuntura, a mídia – em todo o seu fascínio, onipresença e complexidade – tende a ocupar um lugar predominante, exercendo, assim, forte influência nas relações sociais, especialmente no modo como as pessoas, grupos e instituições se comunicam, interagem, administram seus conflitos e apreendem o próprio mundo em que vivem. “Nossa mídia é onipresente, diária, uma experiência essencial de nossa experiência contemporânea. É impossível escapar à presença, à representação da mídia” (SILVERSTONE, 2002, p. 12).

Diante desse processo contínuo de midiaticização da sociedade, quais os desafios e o papel do comunicador? Como articular uma comunicação autêntica, profunda e humanizadora que seja capaz de suplantar a frieza e a indiferença, o julgamento e a crítica? É possível pensar, em nossos dias, uma espiritualidade do comunicador?

Para ser um comunicador, não basta compartilhar coisas nas mídias sociais e despejar, aos quatro cantos do mundo, informações ou conteúdos sem crivo e reflexão, pois, como afirma o papa Francisco em sua mensagem para o 53º Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2019, a internet constitui uma

possibilidade extraordinária de acesso ao saber, mas, ao mesmo tempo, tornou-se um dos locais mais expostos à desinformação e à distorção consciente e pilotada dos fatos e relações interpessoais, a ponto de muitas vezes cair no descrédito.

De todo modo, é importante reconhecer que a internet e as mídias sociais são um dom de Deus e, por isso mesmo, devem ser um ambiente propício à reflexão, à partilha e à solidariedade entre todos. Assim compreende o papa Francisco em sua mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2014:

Neste mundo, os *mass-media* podem ajudar a sentir-nos mais próximos uns dos outros; a fazer-nos perceber um renovado sentido de unidade da família humana, que impele à solidariedade e a um compromisso sério para uma vida mais digna. Uma boa comunicação ajuda-nos a estar mais perto e a conhecer-nos melhor entre nós, a ser mais unidos (PAPA FRANCISCO, 2014).

No entanto, quem de nós está preparado para discernir a verdade em meio a tantas notícias falsas? Quem de nós reflete sobre aquilo que compartilha diariamente nas redes sociais e nos grupos de WhatsApp?

A comunicação está cada dia mais rápida. Quase não sobra espaço para pensar a respeito daquilo que lemos, produzimos ou postamos. Todavia, a ânsia por novas informações, curtidas e compartilhamentos acaba nos desviando daquilo que é essencial, isto é, da comunicação que nasce de dentro. Quando a comunicação é afetada pelo vírus da pressa e da irreflexão, tudo o que é dito ou postado tende à superficialidade. Comunicação exige escuta e, como diz o papa Francisco em sua mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2016:

Mídia, religião e sociedade

Das palavras às redes digitais

Luís Mauro Sá Martino



208 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

Na sociedade contemporânea, as relações entre mídia e religião ganham novas dimensões. Facilitadas pelos ambientes digitais, essas ligações alteram a lógica da mídia e as práticas da religião. De jornais e revistas a aplicativos para *smartphones*, as denominações religiosas estão em vários espaços do ambiente midiático. O livro oferece um panorama dessas relações e mostra algumas das principais teorias e conceitos para pensar o assunto.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

“O COMUNICADOR É UM MÍSTICO, E O MÍSTICO É UM COMUNICADOR.”

[...] comunicar significa partilhar, e a partilha exige a escuta, o acolhimento. Escutar é muito mais do que ouvir. Ouvir diz respeito ao âmbito da informação; escutar, ao invés, refere-se ao âmbito da comunicação e requer a proximidade. A escuta permite-nos assumir a atitude justa, saindo da tranquila condição de espectadores, usuários, consumidores. Escutar significa também ser capaz de compartilhar questões e dúvidas, caminhar lado a lado, libertar-se de qualquer presunção de onipotência e colocar, humildemente, as próprias capacidades e dons a serviço do bem comum. Escutar nunca é fácil. Às vezes é mais cômodo fingir-se de surdo. Escutar significa prestar atenção, ter desejo de compreender, dar valor, respeitar, guardar a palavra alheia. Saber escutar é uma graça imensa, é um dom que é preciso implorar e depois exercitar-se a praticá-lo (PAPA FRANCISCO, 2016).

Para ser um comunicador hoje, é preciso, portanto, comunicar com espírito e com verdade. É necessário cultivar uma vida interior profunda e uma consciência ampla acerca do bem comum, afinal, “somos membros uns dos outros” (Ef 4,25). A verdadeira comunicação nasce da escuta interior e do compromisso com a alteridade. Isso significa, sobretudo, valorizar o ser humano em sua integralidade, respeitar sua liberdade de escolha e compreender seus anseios mais profundos por unidade, paz e comunhão, isto é, “um novo modelo de comunicação que esteja a serviço das minorias, respeitando as diferenças, promovendo a diversidade e tornando os indivíduos muito mais conscientes, comprometidos e solidários entre si” (BRESSANI, 2014, p. 104).

3. A MÍSTICA DO COMUNICADOR HOJE

Ninguém se torna místico sem disciplina interior. Na filosofia neoplatônica, a mística é compreendida como o conhecimento de uma verdade que só aquele que se desliga do mundo pode obter, podendo, assim, contemplar mais profundamente o âmago da divindade (GRÜN, 2012). Partindo dessa compreensão – e considerando o contexto comunicacional no qual estamos inseridos –, podemos nos perguntar se, em meio a tanta pressa, barulho e infinitas conexões, estamos aptos a fazer uma experiência mística, isto é, parar, fechar os olhos e deixar fluir a comunicação que vem do mais profundo de nosso ser. Eis o desafio de todos os dias. Em outras palavras, somos capazes de escutar nossa voz interior, para depois comunicar aos outros a Verdade que habita em nós?

O teólogo alemão Romano Guardini dizia que a oração autêntica é a que brota da sincera comunicação interior, conduzindo a pessoa a um extasiar-se diante da beleza que a inunda dentro e fora (GUARDINI, 1961, p. 15). Comunicar exige tempo e espera. Não basta lançar palavras ou imagens. É preciso conectar-se com o Mestre da comunicação e da comunhão. É necessário deixar Jesus, a Verdade suprema, falar em nós e por nós.

De acordo com o *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*, “a mística do comunicador está relacionada com seu processo criativo, sua busca por informações, seu modo de interpretar os fatos, de inovar a linguagem e buscar outros estilos de comunicar. O comunicador é um místico, e o místico é um comunicador” (CNBB, 2014, p. 51).

Mais que apontar um decálogo ou uma lista de atitudes, queremos aqui indicar

alguns referenciais que levam a um aprofundamento do que se chama de “a mística do comunicador hoje”. Parte-se da ideia de que o comunicador propriamente cristão seja alguém que saiba, antes de tudo, escutar. Escutar a si mesmo e a Deus, para depois dizer o que sente e o que pensa, sem medo da crítica e do olhar externo. Nesse sentido, é importante considerar o valor da palavra, mas também do silêncio, pois, como afirma Henri Nouwen, “quanto mais falo, mais necessito do silêncio para permanecer fiel ao que digo” (NOUWEN, 1996, p. 134). De igual maneira, Thomas Merton afirma que “o silêncio é o pai da palavra. O silêncio é a força da nossa vida interior” (MERTON, 2003, p. 217).

O comunicador “místico” – no atual contexto da sociedade contemporânea – é chamado a superar certo mal-estar no que tange ao isolacionismo e à solidão entre as pessoas. É verdade que a internet pode nos deixar conectados com milhões de pessoas sem precisarmos encontrar alguém (BOFF, 2013, p. 11). A experiência pessoal e mística do comunicador, nesse cenário, deve se basear na atitude de Jesus Cristo, que, em tudo e antes de qualquer coisa, dialogava e se comunicava com o Pai, tanto em sua solidão quanto no templo e em outras circunstâncias. O comunicador deve ser alguém que, intimamente ligado à Videira, consiga comunicar a própria experiência de fé e comunhão, sem perder a conexão interior.

CONCLUSÃO

Ao se falar sobre a mística do comunicador, pensa-se em como se podem viver, de maneira serena e tranquila, no que tange ao circuito comunicacional, valores cristãos de respeito e solidariedade na relação com o próximo. Com o bombardeamento de informações, ideias e imagens, a consciência crítica pode ser pulverizada nas artimanhas de uma cultura que “engole” o sujeito.

O cultivo espiritual em tempos de conectividade

Francisco Galvão



176 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Escrito entre a agitação de São Paulo e o silêncio de Medellín, esse é um livro para quem vive o descompasso da pressa e deseja reconectar-se consigo mesmo.

É um despretenso convite à harmonia em um mundo marcado pela angústia. Um livro para todos aqueles que continuam ávidos de sabedoria, compaixão e transcendência. Não é um livro apenas para mentes conectadas à internet, mas também para mentes conectadas aos excessos da vida contemporânea.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

A mística seria um modo interior, profundo e transformador de viver a experiência de fé cristã na relação com os outros, noticiando ou não acontecimentos e fatos. Precisamos continuamente estar centrados em convicções que nos coloquem a serviço das pessoas.

Comunicar-se, em seu sentido cristão, é um ato teológico, isto é, um modo de Deus partilhar e doar-se à humanidade. Cada sujeito cristão, ao participar amorosamente do

ser misericordioso de Deus, é chamado a cultivar, no mais profundo de si, essa realidade dinâmica, profunda e criativa.

Quanto mais o comunicador for capaz de escutar-se, mais ele ouvirá, em seu íntimo, as necessidades da humanidade e mais humana será sua comunicação. Quando a comunicação nasce de dentro, não há barreira que a impeça de frutificar e transformar os corações.

vp

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão da terra*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BRESSANI, Valdecir. A cultura do encontro como resposta à globalização da indiferença. *Revista Uninter de Comunicação*, v. 2, n. 2, p. 94-110, 2014. Disponível em: <<https://www.uninter.com/revistacomunicacao/index.php/revistacomunicacao/article/view/545>>. Acesso em: 1 jan. 2020.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*. São Paulo: CNBB, 2014.
- DEL GENIO, Maria Rosaria. Mística (notas históricas). In: BORRIELLO, L.; CARUANA, E.; DEL GENIO, M. R.; SUFFI, N. *Dicionário de mística*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2003. p. 706-714.
- FRANCISCO, Papa. *Mensagem do santo padre Francisco para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais*. Vaticano, 1. jun. 2014. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 17 fev. 2020.
- _____. *Mensagem de sua santidade papa Francisco para o 50º Dia Mundial das Comunicações Sociais*. Vaticano, 8 mai. 2016. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20160124_messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 17 fev. 2020.
- GRÜN, Anselm. *Mística: descobrir o espaço interior*. São Paulo: Vozes, 2012.
- GUARDINI, Romano. *Introdução à oração*. Lisboa: Aster, 1961.
- LIMA VAZ, Henrique C. de. *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*. São Paulo: Loyola, 2000.
- MERTON, Thomas. *Homem algum é uma ilha*. Campinas: Verus, 2003.
- NOUWEN, Henri. *Diário desde el monasterio*. Buenos Aires: Lumen, 1996.
- OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. 3. ed. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2014.
- PORTO, Humberto; SCHLESINGER, Hugo. Misticismo. In: _____. *Dicionário enciclopédico das religiões*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 1784-1785. v. II K-Z.
- PUNTEL, Joana T. Comunicação. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2015. p. 169-171.
- SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Loyola, 2002.
- SUDBRACK, Josef. Mística cristã. In: GOFFI, Tullo; SECONDIN, Bruno (Org.). *Problemas e perspectivas de espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992. p. 291-306.
- VELASCO, Juan Martín. *Doze místicos cristãos: experiência de fé e oração*. Petrópolis: Vozes, 2003.

A mística sacerdotal



Neste artigo, visamos apresentar o tema da mística sacerdotal, descrevendo-a com base em textos da Escritura e do magistério e em poesias de dom Hélder Câmara. Nosso intuito é refletir sobre a figura daquele que permanece sendo a ponte entre Deus e a humanidade!

*Pe. Douglas Alves Fontes é doutor em Teologia pela PUC-Rio e padre da arquidiocese de Niterói-RJ, onde exerce a função de reitor do seminário São José. Professor do Instituto Filosófico e Teológico do mesmo seminário. Secretário executivo do Regional Leste 1 da CNBB. E-mail: douglasfontes@yahoo.com.br

“TODO O PROCESSO DE DISCERNIMENTO VOCACIONAL SE DÁ NUMA EXPERIÊNCIA DE ORAÇÃO, COMO BUSCA PARA ENCONTRAR A VONTADE DE DEUS PARA NOSSA VIDA.”

UMA PALAVRA INTRODUTÓRIA

Vamos abordar primeiramente a questão da mística sacerdotal em si, a noção de mística, aplicando-a à vivência do ministério sacerdotal.

Tendo em vista a importância da relação entre profecia e mística, apresentaremos em seguida a dimensão profética da mística sacerdotal, defendendo a ideia de que não é possível falar em mística sem profecia, sobretudo para os sacerdotes, configurados a Cristo sacerdote, profeta e rei.

Na sequência, apresentaremos duas características comuns a todas as formas de mística da história cristã: a relação entre experiência mística e fé trinitária e a dimensão ética da mística cristã.

Enfocaremos a relação da experiência mística com a fé trinitária na perspectiva vocacional e da vivência do sacerdócio: como o sacerdote se relaciona, na vivência do seu ministério, com o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Por fim, descreveremos a importância da dimensão ética para a mística sacerdotal e como o sacerdote vive essa dimensão na dinâmica do seu sacerdócio.

1. A MÍSTICA SACERDOTAL

“Para que todos sejam um, assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles estejam em nós e o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17,21).

Quando hoje se fala, na perspectiva do senso comum, em “mística”, é usual pensar em algo extraordinário, como uma experiência para pessoas especiais ou até mesmo diferentes das normais. Contudo, é preciso

ficar claro que a mística é, primeiramente, um fenômeno humano e, exatamente por isso, é possível a todo ser humano experimentá-la.

Podemos definir, de modo amplo, a mística cristã como a “experiência do mistério de Deus, ou experiência de Deus” (PÁDUA, 2003, p. 351). Dessa forma, também a entendemos como experiência “do Espírito” ou “no Espírito”. Baseados no pensamento de Rahner, compreendemos que essa experiência pode ser realizada por todas as pessoas, segundo sua situação histórica e individual (RAHNER, 1977, p. 50).

Outro dado importante, na concepção de mística, é que, sempre que falamos em experiência mística, precisamos reunir três realidades: a mística, o místico e o mistério (LIMA VAZ, 2000). A mística é o fruto ou a própria relação do místico com o mistério. “A Teologia Mística quer ser uma ‘Sabedoria da experiência’, e não uma ‘Sabedoria da doutrina’” (MOLTMANN, 2010, p. 189).

Ao falarmos de mística sacerdotal, entendemos um estilo de vida próprio daqueles homens que, chamados pelo Senhor, assumiram uma vocação específica: o sacerdócio. “O coração do sacerdócio consiste em ser amigo de Jesus Cristo... Ser amigo de Jesus, ser sacerdote, significa ser homem de oração” (KLOPPENBURG, 2007, p. 43).

Aquele que é chamado ao sacerdócio vive, desde o início, a experiência com o mistério de Deus e de sua vontade sobre nós. Todo o processo de discernimento vocacional se dá numa experiência de oração, como busca para encontrar a vontade de Deus para nossa vida. O vocacionado sente que o mistério de Deus o alcançou

(cf. Fl 3,12)! Em determinado tempo e espaço de sua história, descobre um chamado especial de Deus para ele. O jovem que se sente chamado ao sacerdócio passa a viver um estilo de vida específico, dentro de um processo de formação marcado por diversas situações, nas quais terá a ocasião de fazer, verdadeiramente, uma experiência mística, experimentando a ação de Deus em sua vida. “Toda formação espiritual do candidato ao sacerdócio consiste na comunhão íntima e profunda com o Pai, pelo Filho, no Espírito Santo, atingindo a perfeição na caridade (Jo 20, 22)” (CNBB, 2010, n. 277).

A meta da formação inicial para o sacerdócio é alcançada com a ordenação sacerdotal, quando o presbítero inicia novo gênero de vida. Ele, o presbítero, torna-se, na Igreja e para a Igreja, uma representação sacramental de Jesus Cristo (PDV 15). A unção sacramental do Espírito, no dia da ordenação sacerdotal, proporciona nova relação com Jesus Cristo e, nele, com a Igreja. Tal relação define a vida e a missão, o ser e o agir do sacerdote.

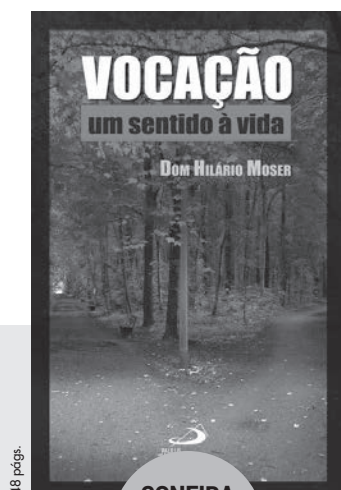
Poderíamos caracterizar a mística sacerdotal com as palavras encontradas no *Documento de Aparecida*, para apresentar o perfil do sacerdote de que o povo de Deus tem necessidade: um homem que tenha profunda experiência de Deus, conformado ao coração do Bom Pastor, dócil à orientação do Espírito e que se nutre da Palavra de Deus, da Eucaristia e da oração (DAp 199).

Citamos dois testemunhos de verdadeira mística sacerdotal: “Da galheta cheia, uma só gota foi chamada a participar da Oferenda Divina. Por que aquela e não outra? Não vemos nada. Não sabemos nada. Comoveu-me a placidez da água restante que logo a seguir lavou, humilde e feliz, as minhas mãos de pecador” (CÂMARA, 1985, p. 23); “Minha Missa é minha vida e minha vida é uma Missa prolongada!” (HURTADO apud DAp, 2009, p. 96).

Vocação

Um sentido à vida

Dom Hilário Moser



48 págs.

CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK

Imagens meramente ilustrativas.

Esse livro quer ajudá-lo a buscar um sentido que valha a pena para a sua vida, respondendo a perguntas como: “Para que eu estou no mundo?”; “O que vou fazer da minha vida?”.

Se o Pai nos amou e nos quis neste mundo; se Jesus, seu filho, se sacrificou por nós para que tivéssemos vida em abundância; é impossível que não haja algum propósito para nossa vida. A obra procura iluminar a mente do leitor para que ele encontre um caminho que seja útil a seus irmãos e irmãs.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

**“TODA A VIDA SACERDOTAL É MARCADA FORTEMENTE
PELO IMPULSO DO ESPÍRITO, QUE LEVA O SACERDOTE
A ASSUMIR OS MESMOS SENTIMENTOS E AÇÕES DE CRISTO.”**

2. A DIMENSÃO PROFÉTICA DA MÍSTICA SACERDOTAL

“E não sabiam o que dizer dele. Disse-lhes, porém, Jesus: ‘É só em sua pátria e em sua família que um profeta é menos-prezado’” (Mt 13,57).

O *Catecismo da Igreja Católica* afirma que, pelo batismo, os batizados participam do sacerdócio de Cristo, que engloba sua missão profética e real (CIC 1.268). Aqueles que recebem o sacramento da ordem participam do sacerdócio de Cristo, mas de um modo distinto dos outros batizados, pois participam do sacerdócio ministerial (CIC 1.268).

O decreto conciliar que trata da vocação sacerdotal afirma que, diante de tantos problemas do mundo atual, os presbíteros precisam buscar harmonizar sua vida interior com o ritmo da ação externa (PO 14). Por exercer o sacerdócio de Cristo, todo presbítero precisa exortar os fiéis a viver segundo as exigências da doutrina e da vida cristã (PO 6), as quais ele mesmo precisa abraçar.

Ao longo do estudo da espiritualidade cristã, houve muitos autores que dissociaram mística de profecia. Entendiam que mística e profecia eram duas realidades distintas, que viviam separadas, como se uma pessoa ou fosse mística ou fosse profeta (NOLAN, 2010, p. 112).

Com o aprofundamento da reflexão teológica e também sobre a figura de Jesus, a conclusão a que vários autores chegaram foi que não era possível entender que existisse um Jesus apenas místico ou apenas profeta. O mesmo Jesus vivia sua vida de tal forma que mística e profecia faziam parte do seu dia a dia (NOLAN, 2010, p. 116).

Tendo em vista esse percurso, não é possível entender o sacerdócio sem a dimensão profética. O sacerdote, configurado a Cristo, é e precisa ser um homem místico-profético. O papa Bento XVI afirmava, em uma de suas catequese durante o Ano Sacerdotal, que o presbítero é um homem convertido e renovado pelo Espírito que vive da relação pessoal com Cristo, fazendo próprios, constantemente, os seus critérios evangélicos (GOMES, 2011, p. 53).

Toda a vida sacerdotal é marcada fortemente pelo impulso do Espírito, que leva o sacerdote a assumir os mesmos sentimentos e ações de Cristo (Fl 2,5). Sua união mística com o Pai, o Filho e o Espírito o leva a ter uma vida marcada pela profecia, ao anunciar tudo aquilo que ele recebe dessa comunhão mística.

Jesus, quando entra na sinagoga de Nazaré, lê uma passagem que marca tanto o seu ministério como deve marcar o ministério de todos os sacerdotes:

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu; e enviou-me para anunciar a Boa-nova aos pobres, para sarar os contritos de coração, para anunciar aos cativos a redenção, aos cegos a restauração da vista, para pôr em liberdade os cativos, para publicar o ano da graça do Senhor (Lc 4,18s).

Assim, fica claro que todo sacerdote, configurado a Cristo, também deve viver como ele e ser, da mesma forma, reconhecido como um profeta, também no meio dos seus contemporâneos e coetâneos (Lc 7,16).

O sacerdote, como profeta, precisa falar – não em seu próprio nome, mas no de Deus – claramente, quando muitos se

omitem (NOLAN, 2010, p. 101). Outra característica do seu profetismo será ler os sinais do tempo, como homem de fé (NOLAN, 2010, p. 102). E ele precisa ser, sobretudo, um mensageiro de Deus, que leva uma palavra que não é sua, mas daquele que o enviou (NOLAN, 2010, p. 105).

Um dos grandes desafios de todos os profetas é perseverar na missão recebida. Dos antigos aos contemporâneos, vemos a grande luta que é continuar firme numa missão que, muitas vezes, lhes custará a própria vida.

Não pares. É graça divina começar bem. Graça maior, persistir na caminhada certa. Manter o ritmo... Mas a graça das graças é não desistir. Podendo ou não podendo, caindo, embora, aos pedaços, chegar até o fim... (CÂMARA, 1985, p. 47).

3. A RELAÇÃO ENTRE EXPERIÊNCIA MÍSTICA E FÉ TRINITÁRIA NA MÍSTICA SACERDOTAL

Para que todos sejam um, assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles estejam em nós e o mundo creia que tu me enviaste. Dei-lhes a glória que me deste, para que sejam um, como nós somos um: eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade e o mundo reconheça que me enviaste e os amaste, como amaste a mim. Pai, quero que, onde eu estou, estejam comigo aqueles que me deste, para que vejam a minha glória que me concedeste, porque me amaste antes da criação do mundo (Jo 17, 21-24).

Muitos teólogos concordam que a mística está na lógica da fé; ela é fruto e aprofundamento da mesma fé. A mística torna-se uma experiência intensa de fé! “Respondeu-lhe Jesus: ‘Se alguém me ama, guardará a minha palavra e meu Pai o amará, e nós viremos a ele e nele faremos nossa morada’” (Jo 14,23).

Laicato

Vocação e missão

Dom Orlando Brandes



144 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

O livro tem como objetivo ajudar os fiéis em geral a compreender a identidade, a vocação, a missão e a espiritualidade de leigos e leigas no mundo e na Igreja, à luz dos principais textos do Magistério que tratam dessa questão, como os documentos das Conferências Episcopais Latino-Americanas, os documentos do Concílio Vaticano II, as exortações apostólicas dos papas, os documentos da CNBB.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

“COMO MEMBRO DO POVO DE DEUS, O PRESBÍTERO É UM BATIZADO, MERGULHADO NA COMUNIDADE DIVINA DO PAI, DO FILHO E DO ESPÍRITO SANTO.”

A mística cristã é vista como uma vida de fé, a qual supõe sempre uma união com Deus (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 99). O místico faz sempre uma experiência com o mistério de Deus. A própria experiência mística está baseada na fé trinitária. Não é possível entender a mística sacerdotal sem essa relação estreita com a Trindade.

Como membro do povo de Deus, o presbítero é um batizado, mergulhado na comunidade divina do Pai, do Filho e do Espírito Santo, filho de Deus Pai, irmão e seguidor de Jesus Cristo e templo vivo do Espírito Santo (CNBB, 2010, n. 46).

Toda a mística sacerdotal possui uma marca claramente trinitária. O sacerdote é considerado o homem do Espírito. Também ele deve agir segundo a vontade do Pai, como Cristo, sob a ação do Espírito que foi derramado em sua vida mediante a ordenação sacerdotal e continua auxiliando-o (KASPER, 2009, p. 53).

“Há diversidade de dons, mas um só Espírito. Os ministérios são diversos, mas um só é o Senhor. Há também diversas operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. A cada um é dada a manifestação do Espírito para proveito comum” (1Cor 12,4-7).

O papa Bento XVI dizia, numa carta de 18/10/2010 dirigida aos seminaristas durante o Ano Sacerdotal, que “o elemento mais importante no caminho para o sacerdócio e ao longo de toda a vida sacerdotal é a relação pessoal com Deus em Jesus Cristo” (GOMES, 2011, p. 198). Toda a vida sacerdotal é caracterizada por uma estreita relação entre o presbítero e o Pai, o Filho e o Espírito Santo. O *Documento de Aparecida* (n. 193) esclarece essa relação do sacerdote

com o mistério trinitário, afirmando que, em Cristo, todos somos filhos do mesmo Pai e irmãos entre nós. Contudo, o sacerdote não pode ceder à tentação de pensar que seja apenas mero representante da comunidade, pois ele é um dom do Pai para a mesma comunidade, por ter sido ungido pelo Espírito e por estar unido, de modo especial, a Cristo.

O mundo em que vivemos tem necessidade de Deus, mas não de um deus qualquer, e sim do Deus revelado por Jesus Cristo, e é esse Deus que precisa viver em nós e no qual temos de viver (Jo 15,5). “Este é o nosso chamado sacerdotal: só assim nossa ação de sacerdotes pode dar fruto” (KLOPPENBURG, 2007, p. 43).

Mergulha fundo nos planos divinos.
Mergulha o mais que puderes:
Sem medo da massa líquida
sobre o teu corpo frágil;
Sem medo de peixes vorazes
que te devorem ou te mutilem;
Sem medo de correntes submarinas,
que te arrastem, traiçoeiras...
Simplesmente sem medo.
Quanto mais te entregares,
mais serás conduzido como criança
Que Mãe solícita envolve nos braços
e leva ao abrigo de todos e de tudo
(CÂMARA, 1975, p. 75).

4. A DIMENSÃO ÉTICA DA MÍSTICA SACERDOTAL

“Dei-lhes a tua Palavra, mas o mundo os odeia, porque eles não são do mundo, como também eu não sou do mundo. Eles não são do mundo, como também eu não sou do mundo” (Jo 17,14.16).

Na sua primeira carta, São João declara: “Se alguém disser: ‘Amo a Deus’, mas odeia seu irmão, é mentiroso. Porque aquele que não ama seu irmão, a quem vê, é incapaz de amar a Deus, a quem não vê” (1Jo 4,20). Sua afirmação é base para aquilo que os místicos chamam de união de semelhança: o amor ao próximo é expressão e meio de realização do amor a Deus (VELASCO, 1999, p. 233).

A marca da espiritualidade cristã é um constante voltar-nos para o outro, no qual encontramos a imagem do Deus que o criou e que amamos. Para o sacerdote diocesano, a caridade pastoral – que é seu carisma – é a fonte de sua espiritualidade e, ao mesmo tempo, será ela a animá-lo e o meio para unificar sua vida e ministério (DAP 198).

O sacerdote é, por natureza, um homem de relações (GRÜN, 2006, p. 62). Nunca ele poderá entender sua vocação sem clara referência aos outros. Ele é sacerdote para os outros, e não para si mesmo (GOMES, 2011, p. 22). Ademais, toda a sua experiência mística terá como destinatário, sobretudo, o povo de Deus. Este também será, muitas vezes, “meio” para sua experiência mística.

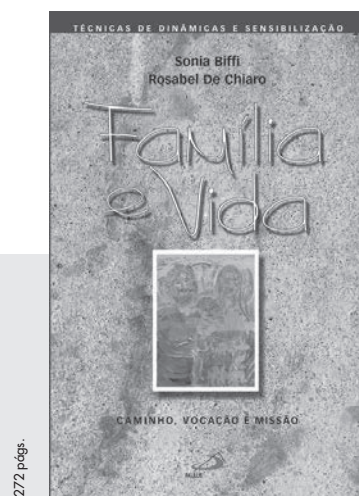
A própria iconografia cristã, quando relaciona a figura do sacerdote com a do pastor, apresenta, claramente, essa dimensão ética da mística sacerdotal (KLOPPENBURG, 2007, p. 53). Ele é colocado no meio do povo para cuidar desse mesmo povo (Hb 5,1). Ele, a exemplo do Bom Pastor que é Jesus, é chamado a dar sua vida pelas ovelhas (Jo 10, 11).

A mística sacerdotal leva o presbítero a contemplar, na face do outro, a imagem do Deus que ele ama. Nessa experiência, também encontrará, muitas vezes, a incompreensão e até o desprezo (RAHNER, 1977, p. 49). Contudo, também assim fará uma experiência mística que o configurará, mais ainda, Àquele que veio para amar e foi ignorado por muitos.

Família e vida

Caminho, vocação e missão

Sonia Biffi e Rosabel De Chiaro



272 pág.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra vem em auxílio da Pastoral Familiar da Igreja Católica, em sua atuação com casais que desejam reavivar o compromisso matrimonial, no constante aprendizado e no longo caminho a percorrer para construir a vida conjugal e familiar. Segundo as autoras, o livro deseja “proporcionar a cada casal reflexão sobre a própria vivência do sacramento do matrimônio”; “bem como momentos de interioridade e oração”.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

“O SACERDOTE CONFIGURADO A CRISTO PRECISA VIVER, EM SEU MINISTÉRIO, A DIMENSÃO PROFÉTICA DA MÍSTICA CRISTÃ.”

Nesse sentido, é muito expressiva a reflexão de Moltman (2010, p. 197) quando, citando o Mestre Eckhart, diz que o “amor de Deus atinge a perfeição quando deixa até mesmo Deus por causa de Deus”. O autor chama essa atitude de “ateísmo místico”, um ateísmo por causa de Deus. Essa experiência é uma constante dentro da mística sacerdotal.

A dimensão ética da mística sacerdotal também levará o sacerdote a experiências concretas de martírio (MOLTMANN, 2010, p. 199) – incruento e, até mesmo, cruento – ao longo do seu ministério. Ao ser configurado por Cristo, terá como lugar privilegiado do seu ministério a cruz, pois é nela que alcança o máximo da sua experiência mística, nela é que ele se doa completamente.

São João Crisóstomo afirmava que o sacramento do altar e o “sacramento do irmão”, também chamado de “sacramento do pobre”, são dois aspectos do mesmo ministério (GOMES, 2011, p. 51). Suas palavras deixam transparecer uma visão clara da dimensão ética da mística sacerdotal.

Na escola de Deus
Dar tudo o que se tem
Dar tudo o que se é
Dar-se sempre
Sem jamais acabar de dar-se
– é a lição profunda de alegria e de paz
Que aos amigos da terra
Dão e darão para todo o sempre
Os Três amigos incomparáveis
Que se consumam na Unidade!
(CÂMARA, 1985, p. 56).

CONCLUSÃO

Podemos dizer que a mística sacerdotal é, e deve ser, verdadeiro caminho de conformação do sacerdote ao Cristo, sumo e eterno sacerdote.

A primeira constatação a que chegamos, graças à atual reflexão sobre a mística, é que todo sacerdote, desde o processo inicial de discernimento vocacional, faz uma experiência mística: verdadeira experiência de Deus. Esta o acompanhará ao longo de todo o seu ministério.

Podemos concluir ainda que, se toda mística inclui o caminho do profetismo, mais ainda a sacerdotal. Ficou claro que o sacerdote configurado a Cristo precisa viver, em seu ministério, a dimensão profética da mística cristã. Sua própria vida deve ser um anúncio profético para o mundo sedento de Deus!

A mística sacerdotal também estará sempre marcada por uma estreita relação com a fé trinitária. O sacerdote se reconhece como alguém chamado pelo Pai a se conformar a Cristo pela ação do Espírito. A fé trinitária faz parte essencial da vivência da mística sacerdotal, sobretudo na celebração eucarística. O sacerdote eleva um culto ao Pai, por Cristo, no Espírito.

Por fim, não é possível falar em experiência mística sem clara referência ao outro. Toda experiência de Deus verdadeira se transforma em amor concreto ao irmão. A mística sacerdotal se realiza nesse dinamismo entre o amor de Deus e o amor ao próximo. O sacerdote é um homem de Deus para os outros!

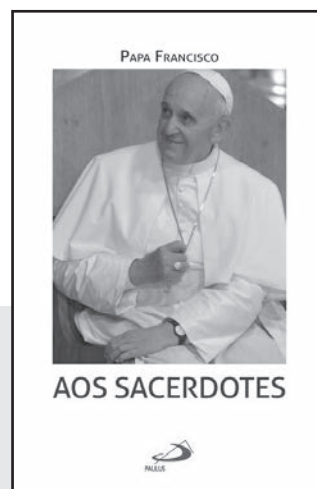
vp

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CÂMARA, Hélder. *O deserto é fértil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.
- CATECISMO da Igreja católica (CIC). São Paulo: Loyola, 2002.
- CELAM. *Documento de Aparecida* (DAp). São Paulo: Paulinas, 2009.
- CNBB. *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Presbyterorum Ordinis* sobre o Ministério e a Vida dos Sacerdotes (PO). Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_presbyterorum-ordinis_po.html>. Acesso em: 20 fev. 2020.
- GOMES, Demétrio (Org.). *O Ano Sacerdotal: coletânea de textos*. São Paulo: Ecclesiae, 2011.
- GRÜN, Anselm. *Ordem: vida sacerdotal*. São Paulo: Loyola, 2006.
- JOÃO PAULO II, Papa. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Pastores Dabo Vobis* (PDV). São Paulo: Paulinas, 1992.
- KASPER, Walter. *Servidores da alegria: existência sacerdotal – serviço sacerdotal*. São Paulo: Loyola, 2009.
- KLOPPENBURG, Boaventura (Org.). *Mistagogias de Bento XVI sobre a Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- LIMAVAZ, Henrique. *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*. São Paulo: Loyola, 2000.
- MOLTMANN, Jürgen. *O Espírito da vida*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- NOLAN, Albert. *Jesus hoje*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- PÁDUA, Lúcia Pedrosa de. Mística, mística cristã e experiência de Deus. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro: PUC-Rio, n. 15, 2003.
- RAHNER, Karl. *Experiencia del Espíritu*. Madrid: Narcea, 1977.
- SCHILLEBEECKX, Edward. *História humana: revelação de Deus*. São Paulo: Paulus, 1994.
- VELASCO, Juan Martín. *El fenómeno místico: estudio comparado*. Madrid: Trotta, 1999.

Aos sacerdotes

Papa Francisco



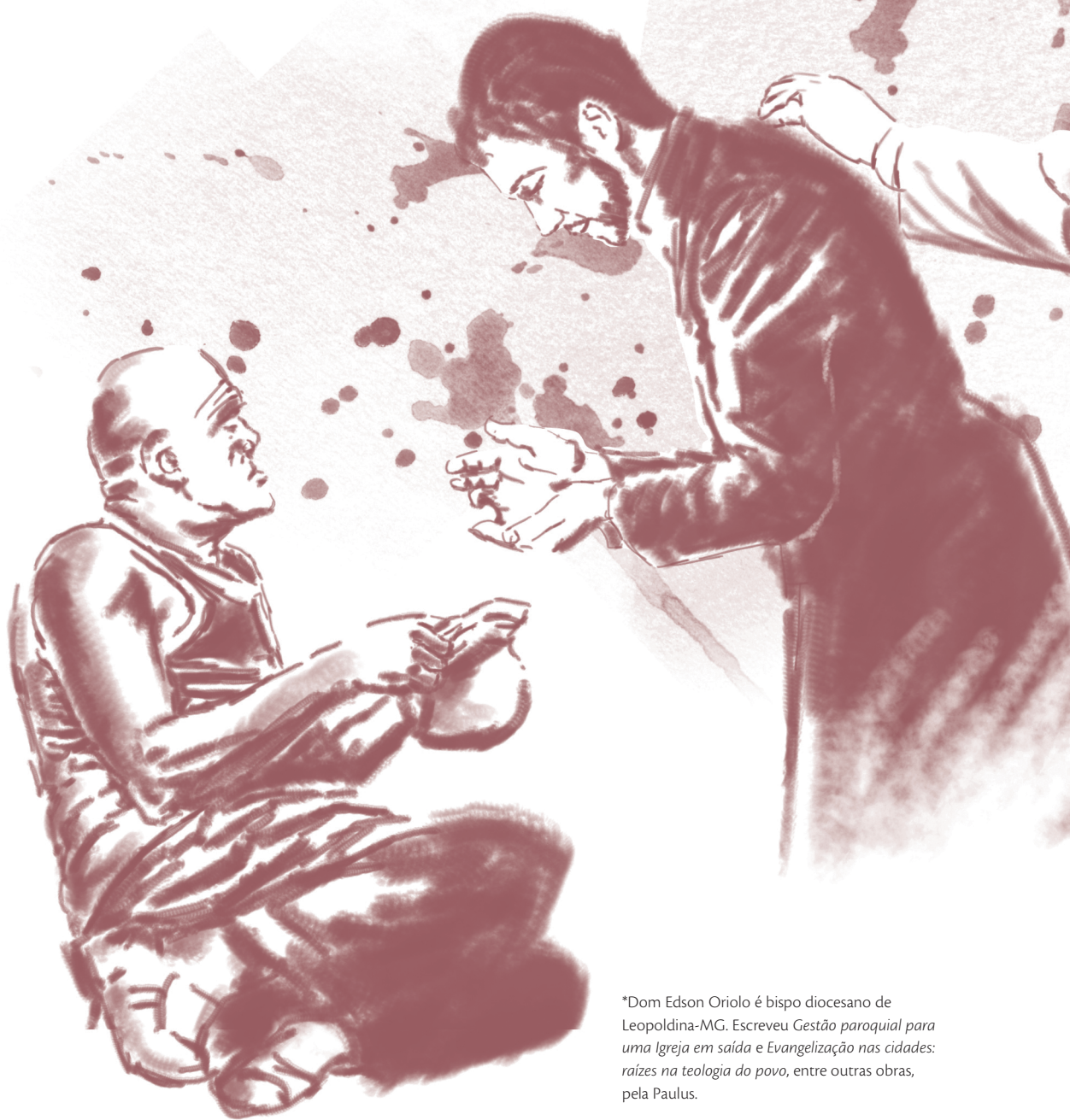
Imagens meramente ilustrativas.

Dividida em duas partes, a obra reúne textos do Papa Francisco aos sacerdotes. Na primeira parte, encontra-se sua “Carta aos presbíteros”, escrita por ocasião dos 160 anos da morte do Cura d’Ars; na segunda, as homilias proferidas por ele nas missas do crisma, nos anos de 2013 a 2019. São textos de inesgotável riqueza espiritual e teológica, e de profunda beleza poética.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

O ministério sacerdotal para uma Igreja em saída



*Dom Edson Oriolo é bispo diocesano de Leopoldina-MG. Escreveu *Gestão paroquial para uma Igreja em saída* e *Evangelização nas cidades: raízes na teologia do povo*, entre outras obras, pela Paulus.



INTRODUÇÃO

Desde sua primeira aparição como papa, na praça de São Pedro, Bergoglio tem demonstrado simplicidade: sua maneira de interromper o percurso em procissões ou descer do presbitério, nas cerimônias, para beijar e acariciar enfermos e crianças; as manifestações de afeto, com sorriso espontâneo e constante na face; seu estilo de vida simples (sabe cozinhar, paga as contas, segura a porta do elevador para esperar os outros); sua fortaleza, que o preserva de palavras eivadas de angústia e perplexidade; a crítica ao carreirismo; sua liberdade de espírito, a transparência nos posicionamentos com jornalistas; seu espírito de oração, próprio de um homem de Deus, levantando sempre às 5 da manhã para rezar; o empenho na colegiali-

dade, com a realização de sínodos baseados na escuta; sua profundidade em discursos, homilias e entrevistas; a coerência retratada no seu lema papal.

Para além desses gestos, cheios de significado e reveladores de novo modo de compreender o ministério petrino (em ruptura com o modelo monárquico de papado), faz-se necessário lançar um olhar profundo para a eclesiologia de Francisco, a qual subjaz nesses gestos, mas não se reduz a eles. Aliás, penso que esta seja uma das tentações que nos rondam em nosso contexto eclesial: a tendência exacerbada a reducionismos, sobretudo de ordem estética e ocasional. Apenas uma análise criteriosa da eclesiologia de Francisco, à luz de seu magistério, nos colocará em maior sintonia com sua compreensão sobre o sacerdócio.

Nesse sentido, Francisco, numa audiência geral no dia 26 de março de 2014, na praça de São Pedro, fala de três aspectos da missão do ordenado. Nesses três aspectos, revela uma missão pastoral, teológica, do ordenado em relação ao povo de Deus na sua constituição histórica e cultural. Primeiro ele é colocado como “chefe da comunidade” na dinâmica e autoridade do serviço. “O Filho do Homem veio não para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mt 20,25-28; Mc 10,42-45). O sacerdote é também “um apaixonado pela Igreja”. Em virtude do sacramento da ordem, dedica-se inteiramente à própria comunidade, amando-a com todo o seu coração: é a sua família. O terceiro aspecto é que ele procure “reavivar sempre o seu dom”. Quando o ministério do sacerdote não se alimenta da oração, da escuta da Palavra de Deus e da celebração cotidiana da Eucaristia, bem como da frequência no sacramento da penitência, acaba inevitavelmente por perder de vista o sentido autêntico do próprio serviço e a alegria que deriva da profunda comunhão com Jesus.

“O POVO DE DEUS NECESSITA DE SACERDOTES QUE SEJAM DISCÍPULOS-MISSIONÁRIOS, PROFETAS, MISERICORDIOSOS E AMIGOS DOS POBRES”.

O sacerdote, quando reaviva o dom do seu ministério, torna-se um apaixonado pela Igreja de Jesus Cristo e vivencia a dinâmica do serviço e da autoridade na vida da comunidade que lhe foi confiada. Mergulha profundamente na missão e sai para ajudar e dinamizar a comunidade. É capaz de sair da zona de conforto onde se encontra e visitar as pessoas onde elas se encontram, sendo sinal de esperança.

À luz do ser e agir do papa Francisco, podemos afirmar que os sacerdotes do século XXI deverão ser formados para fazer resplandecer novo modelo de Igreja: uma “Igreja em saída”, que responda às exigências da ação evangelizadora, valorizando a cultura do povo, e entenda a piedade popular na dinâmica pastoral e teológica e sua relação com os pobres. O sacerdote para uma “Igreja em saída” será alguém com clareza sobre a identidade teológica do próprio ministério, inserido na cultura atual e vocacionalmente motivado. O povo de Deus necessita de sacerdotes que sejam discípulos-missionários, profetas, misericordiosos e amigos dos pobres. Em síntese, emerge da eclesiologia do papa Francisco, como sacerdotes para uma “Igreja em saída”, aqueles que desenvolvam alma, espírito e disposição para a missão.

Além disso, o magistério do papa Francisco, em relação aos sacerdotes, tem nos encorajado e iluminado com a espiritualidade e a profecia, que distinguem, igualmente, a “Igreja em saída”. Afirma que os sacerdotes não são funcionários, são pastores ungidos para o povo de Deus. Na catedral de Palermo, em 15 de setembro de 2018, o papa afirmou: “O sacerdote é um homem de Deus 24 horas por dia, e não somente quando veste os paramentos. A liturgia seja para vocês vida, não somente rito”, e con-

tinuou: “o sacerdote é o homem do dom, do dom de si, todos os dias, sem férias e sem pausa. Porque a nossa, queridos sacerdotes, não é uma profissão, mas uma doação; não é um trabalho, mas uma missão”.

O sacerdote, na concepção do papa, deverá ser “pobre para os pobres”, isto é, desapegado de si e de ambições mundanas e profundamente doado, como verdadeiro sinal da solidariedade e do amor de Deus. Isso não se caracteriza, apenas, por aspectos exteriores ou circunstanciais (como o padre se veste ou vive), mas pela conformação profunda ao Cristo pobre, que, isso sim, modificará todo o seu modo de ser e viver. Não se trata apenas de impor um estilo (grande tentação simplista), mas sobretudo de propor uma conversão ontológica, algo que ou nasce da profundidade ou será nova moda, fugaz e descartável.

Refletindo sobre a nova *Ratio Fundamental*, em audiência concedida aos participantes da plenária da Congregação para o Clero, em 17 de junho de 2017, o papa comentou três comportamentos importantes para os sacerdotes:

a) *rezar sem cessar* – “A oração, a relação com Deus, o cuidado da vida espiritual dão alma ao ministério, e o ministério dá corpo à vida espiritual: o sacerdote se santifica e santifica os outros no exercício concreto do ministério, especialmente rezando e celebrando os sacramentos”;

b) *caminhar sempre* – “O sacerdote deve se atualizar sempre e permanecer aberto às surpresas de Deus”. Nessa abertura ao novo, “os sacerdotes jovens podem ser criativos na evangelização, frequentando com discernimento os novos lugares de comunicação”.

c) *partilhar com o coração* – “A vida sacerdotal não é um escritório burocrático ou um conjunto de práticas religiosas ou litúrgicas para atender. Ser sacerdote significa arriscar a vida pelo Senhor e pelos irmãos, carregando na própria carne as alegrias e angústias do povo, dedicando tempo e escuta para curar as feridas dos outros, oferecendo a todos a ternura do Pai”.

Finalmente, o papa insiste na essência da mensagem cristã: o carinho, o acolhimento, a compaixão de Deus. Esses serão três pilares no exercício do ministério sacerdotal. Nesse sentido, podemos entender que a palavra “sacerdote” é formada pela combinação de *sacer* (“sagrado”) com *dhtos* (“fazer”) – portanto, significando etimologicamente “aquele que realiza cerimônias sagradas” e, ademais, “aquele que administra as coisas do sagrado”. O sacerdote é a pessoa inserida no sagrado, para santificar e ser expressão da presença de Deus. Tem verdadeira ligação com o mistério. É um mistagogo. Está em contato com o divino para divinizar, isto é, humanizar em profundidade. É uma pessoa consagrada, enviada por Deus. Um homem que foi escolhido por Cristo e, por isso, deve tê-lo como Mestre para a vida: “Não fostes vós que me escolhestes” (Jo 15,16).

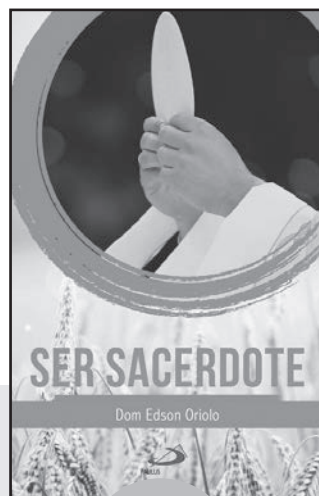
Para compreender, com maior especificidade, o sacerdote nessa “Igreja em saída”, vejamos as inspirações do santo padre nas suas meditações, realizadas nas celebrações da missa do Crisma, nos anos de 2013 a 2018. São reflexões, pistas, diretrizes, horizontes de densa mística para que os sacerdotes perpetuem a presença de Cristo na história das pessoas de todos os tempos e entendam sua identidade e missão.

a) *O sacerdote: pastor com cheiro das ovelhas*

Na primeira celebração da missa crismal como bispo de Roma, no dia 28 de março de 2013, numa Quinta-feira Santa, Francisco lembrou que celebrava sua primeira missa

Ser sacerdote

Dom Edson Oriolo



96 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

O autor se dedica ao estudo e à reflexão sobre o ministério e a vida dos presbíteros a partir de uma perspectiva ontológica, a fim de definir a essência do sacerdote como relacional: ele vive em Cristo, por Cristo e com Cristo, a serviço dos homens. Trata-se de uma excelente oportunidade para os que querem entender melhor o sacramento da ordem e para os próprios sacerdotes que desejam exercer seu ministério com mais amor, personalidade e zelo ao povo de Deus.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

**“O SACERDOTE DEVE SER SEMPRE ALEGRE E NUNCA TRISTE.
NÃO PODE TER UMA CARA DE QUEM PARECE ESTAR EM CONSTANTE
ESTADO DE LUTO.”**

crismal como bispo de Roma. Demonstrou muita alegria e recordou o dia de sua ordenação sacerdotal.

Nessa homilia, exortou os sacerdotes a ir “às periferias existenciais, onde há sofrimento e sangue, há cegueira que quer ver e há prisioneiros de tantos patrões maus”, e a serem “pastores com cheiro das ovelhas” e “pastores no meio do seu rebanho e pescadores de homens”.

Francisco enfatizou: “Somos chamados e constituídos pastores, não pastores por nós mesmos, mas pelo Senhor, e não para servirmos a nós mesmos, mas o rebanho que nos foi confiado, servindo-o até dar a nossa vida como Cristo, Bom Pastor (cf. Jo 10,11)”.

Depois, afirmou que

o sacerdote que sai pouco de si mesmo, que unge pouco [...], perde o melhor do nosso povo, aquilo que é capaz de ativar a parte mais profunda do seu coração presbiteral. Quem não sai de si mesmo, em vez de ser mediador, torna-se pouco a pouco um intermediário, um gestor. Daqui deriva precisamente a insatisfação de alguns que acabam por viver tristes, padres tristes, e transformados numa espécie de colecionadores de antiguidades ou então de novidades, em vez de serem pastores com o cheiro das ovelhas. Isto vos peço: sede pastores com o cheiro das ovelhas” (FRANCISCO, 2013).

Francisco diz que “o óleo precioso, que unge a cabeça de Aarão, não se limita a perfumá-lo, mas se espalha e atinge as periferias [...]. A unção não é para perfumar a nós mesmos, e menos ainda para que a conservemos num frasco, pois o óleo tornar-se-ia

rançoso”. E quando as pessoas sentem que, por nosso intermédio, lhes chega o perfume do Ungido, de Cristo, animam-se a confiar-nos tudo o que elas querem que chegue ao Senhor: “Reze por mim, padre, porque tenho este problema; abençoe-me, padre; reze para mim”.

O nosso povo gosta do Evangelho quando é pregado com unção, quando o Evangelho que pregamos chega ao seu dia a dia, quando escorre como o óleo de Aarão até as bordas da realidade, quando ilumina as situações extremas, “as periferias” onde o povo fiel está mais exposto à invasão daqueles que querem saquear a sua fé (FRANCISCO, 2013).

O sacerdote ungido é pastor no meio do seu rebanho e pescador de homens.

b) O sacerdote: aquele que irradia alegria

Na homilia proferida na missa do Crisma, na basílica Vaticana, em 17 de abril de 2014, Francisco falou especialmente aos sacerdotes sobre a alegria sacerdotal. A alegria deve fazer parte da vida do sacerdote. Ele afirmou que a alegria dos sacerdotes tem sua fonte no amor do Pai, e o Senhor deseja que a alegria desse amor esteja em nós e seja completa.

O sacerdote deve ser sempre alegre e nunca triste. Não pode ter uma cara de quem parece estar em constante estado de luto. Deve manifestar, no dia a dia, uma alegria que possa contagiar quem estiver do seu lado.

O papa Francisco iniciou a homilia falando sobre a unção. O sacerdote é ungido e é enviado para ungir: ungido com o óleo da alegria para ungir o povo com o óleo da alegria.

O Senhor ungiu-nos em Cristo com óleo da alegria, e esta unção convida-nos a acolher e cuidar deste grande dom: a alegria, o júbilo sacerdotal. A alegria do sacerdote é um bem precioso tanto para si mesmo como para todo o povo fiel de Deus: do meio deste povo fiel é chamado o sacerdote para ser ungido e ao mesmo povo é enviado para ungir ((FRANCISCO, 2014b).

A alegria faz parte da vida do sacerdote, e o sacerdote revela uma pessoa alegre. Portanto, ele vive na alegria que unge, na alegria incorruptível e na alegria missionária.

c) Sacerdote, missão incansável

No ano de 2015, o papa Francisco falou sobre “o cansaço dos sacerdotes”. “Rezo por vós, que trabalhais no meio do povo fiel de Deus que vos foi confiado; e muitos fazem-no em lugares demasiado isolados e perigosos. E o nosso cansaço, queridos sacerdotes, é como o incenso que sobe silenciosamente ao céu (cf. Sl 141/140,2; Ap 8,3-4)”.

O papa fala do cansaço e do peso do trabalho pastoral que, muitas vezes, traz a tentação de descansarmos de um modo qualquer, como se o repouso não fosse uma coisa de Deus: “A vida sacerdotal vai se doando no serviço, na proximidade ao povo fiel de Deus, o que sempre, sempre, cansa. Saímos de nós mesmos para ungir e servir (somos aqueles que cuidam)”.

O santo padre referiu-se também ao repouso merecido. Citou uma chave para obter a fecundidade do repouso sacerdotal. De acordo com ele, a fecundidade de um repouso merecido está na forma como os sacerdotes repousam e como o Senhor cuida do cansaço deles.

Francisco convidou os sacerdotes a examinarem-se, perguntando-se a si mesmos: “Sei repousar recebendo o amor, a gratidão

Evangelização nas cidades

Raízes na teologia do povo

Dom Edson Oriolo



A partir das *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil* para o quadriênio 2019-2023, o autor dá as suas contribuições para a elaboração de possíveis caminhos futuros de evangelização, revisitando a “teologia do povo”. A leitura há de abrir perspectivas para os que atuam na evangelização e que se interessam por um caminho de fidelidade ao Concílio Vaticano II. Será um recurso para as pesquisas sobre teologia pastoral e os cursos de Teologia.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

“A ALEGRIA DO SACERDOTE É UM BEM PRECIOSO TANTO PARA SI MESMO COMO PARA TODO O POVO FIEL DE DEUS.”

e todo o carinho que me dá o povo fiel a Deus... ou, depois do trabalho pastoral, procuro repousos mais refinados: não os repousos dos pobres, mas os que oferece a sociedade de consumo?”

Repasemos brevemente os compromissos dos sacerdotes, que proclama a liturgia de hoje: levar a Boa-nova aos pobres, anunciar a libertação aos cativos e a cura aos cegos, dar a liberdade aos oprimidos e proclamar o ano de graça do Senhor. Isaías diz também cuidar daqueles que têm o coração despedaçado e consolar os aflitos (FRANCISCO, 2015).

“Os compromissos mencionados por Jesus envolvem nossa capacidade de compaixão: são compromissos nos quais nosso coração estremece e se comove. Conhecer nosso povo.”

“A imagem mais profunda e misteriosa de como o Senhor cuida do nosso cansaço pastoral – “Ele, que amara os seus (...), levou o seu amor por eles até o extremo” (Jo 13,1) – é a cena do lava-pés.”

“O Senhor lava-nos e purifica-nos de tudo aquilo que se acumulou nos nossos pés ao segui-lo. E isso é sagrado. Não permitais que fique manchado. Como Ele beija as feridas de guerra, assim lava a sujeira do trabalho.”

O papa quis encorajar os sacerdotes, lembrando que Nossa Senhora percebe esse cansaço.

d) O sacerdote: ministro da misericórdia

Na sua homilia do dia 24 de março de 2016, na basílica Vaticana, o papa tratou da primeira pregação de Jesus na sinagoga de

Nazaré, que marcava o início da sua vida pública terrena. Seus conterrâneos, porém, não quiseram ouvi-lo; ao contrário, rejeitaram-no por ele ser o filho de José, o carpinteiro. “Os sentimentos surgidos nos contemporâneos de Jesus situavam-se no lado oposto: afastaram-no e fecharam-lhe o coração.”

Dirigindo-se, de modo particular, aos numerosos sacerdotes presentes, o pontífice exortou:

Como sacerdotes, somos testemunhas e ministros de uma misericórdia cada vez maior do nosso Pai; temos a doce e confortadora tarefa de a encarnar na terra, como Jesus fez ao andar, por toda parte, fazendo o bem e curando, para que sua misericórdia chegasse a todos. Devemos contribuir para sua inculturação, a fim de que cada pessoa a receba, a compreenda e a pratique (FRANCISCO, 2016).

Nesse sentido, o santo padre advertiu os sacerdotes sobre a necessidade de se identificarem com aquele povo descartado, que o Senhor salva, lembrando que existem multidões inumeráveis de pessoas pobres, ignorantes e prisioneiras por causa daqueles que as oprimem. Por isso, recordou que nós, muitas vezes, somos cegos, privados da luz maravilhosa da fé, devido ao excesso de teologias complicadas e de espiritualidades superficiais, que nos tornam prisioneiros e oprimidos. E concluiu: “Com a graça do Espírito Santo, procuremos comprometer-nos a comunicar a misericórdia de Deus a todos os homens, praticando as obras que o Espírito suscita em cada um para o bem comum de todo o povo fiel de Deus!”

e) O sacerdote: homem do Evangelho

No ano de 2017, na celebração da missa crismal de Quinta-feira Santa, o papa afirmou:

Tudo aquilo que Jesus anuncia é Boa-nova; alegre com a alegria evangélica; e o mesmo se diga de nós, sacerdotes, de quem foi ungido em seus pecados com o óleo do perdão e ungido no seu carisma com o óleo da missão, para ungir os outros. [...] O sacerdote torna jubiloso o anúncio com toda a sua pessoa (FRANCISCO, 2017).

O pontífice também ressaltou três graças que o Evangelho traz: verdade, misericórdia e alegria.

Nunca a verdade da Boa-nova poderá ser apenas uma verdade abstrata [...]; nunca a misericórdia da Boa-nova poderá ser uma falsa compaixão, que deixa o pecador na sua miséria, não lhe dando a mão para se levantar [...]; nunca a Boa-nova poderá ser triste ou neutra, porque é expressão de uma alegria inteiramente pessoal: “a alegria dum Pai que não quer que se perca nenhum dos seus pequeninos” (FRANCISCO, 2017).

Francisco mencionou que, “sem Nossa Senhora, não podemos avançar no nosso sacerdócio! Ela é a serva humilde do Pai, que transborda de alegria no louvor (EG 286)”.

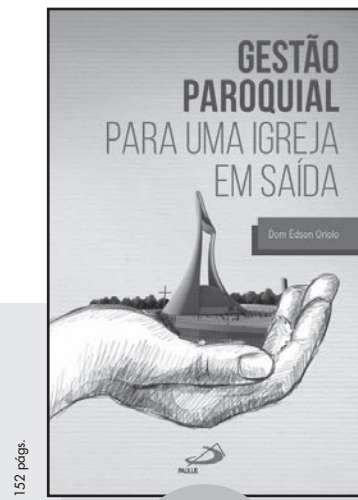
f) O sacerdote: estar sempre e falar com todos

Na missa do dia 29 de março de 2018, Francisco disse:

Quando as pessoas afirmam, de um sacerdote, que está “perto da gente”, habitualmente fazem ressaltar duas coisas: a primeira é que “está sempre”

Gestão paroquial para uma Igreja em saída

Dom Edson Oriolo



152 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

O autor trata da gestão como ferramenta de auxílio à comunidade paroquial. Para uma paróquia ser uma comunidade eclesial em saída, ela necessita ser bem gerenciada. Só assim conseguirá realizar eficazmente sua natureza missionária, cujo objetivo é transmitir a alegria do Evangelho. Para contribuir com esse empreendimento, o autor busca inspiração em três momentos muito significativos na vida recente da Igreja e na explicitação de sua missão evangelizadora.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

“DEVEMOS NOS APROFUNDAR NO PENSAMENTO DE FRANCISCO PARA USUFRUIRMOS DA RIQUEZA DE SUA ECLESIOLOGIA RELEVANTE E EXTREMAMENTE OPORTUNA.”

(ao contrário do que “nunca está”; deste costumam dizer: “Já sei, padre, que está muito ocupado”). E a outra coisa é que sabe ter uma palavra para cada um. “Fala com todos – dizem as pessoas – com os grandes, com os pequenos, com os pobres, com aqueles que não creem...”. Padres próximos, que estão, que falam com todos..., padres de estrada (FRANCISCO, 2018).

O papa sugeriu, para meditação, três âmbitos de proximidade sacerdotal que podem ressoar, no coração das pessoas com quem falamos, com o mesmo tom materno de Maria, quando disse: “Fazei o que ele vos disser”: o âmbito do acompanhamento espiritual, o da confissão e o da pregação.

Finalmente, explicou que

o sacerdote próximo, que caminha no meio do seu povo com proximidade e ternura de bom pastor (e, na sua pastoral, umas vezes vai à frente, outras vezes no meio e outras vezes ainda atrás), as pessoas não só o veem com muito apreço; mas vão mais além: sentem por ele algo especial, algo que só sentem na presença de Jesus (FRANCISCO, 2018).

Dirigindo-se diretamente aos sacerdotes, Francisco elevou uma prece a Maria, “Nossa Senhora da proximidade”, pedindo que mantenha os sacerdotes unidos no tom, “para que, na diversidade das opiniões, se torne presente sua proximidade materna, aquela que, com seu ‘sim’, nos aproximou de Jesus para sempre”

CONCLUSÃO

O papa Francisco apresenta, portanto, o sacerdote como pastor com cheiro das ovelhas; como aquele que irradia alegria; fala do cansaço dos sacerdotes, denotando o cultivo de sua humanidade; do sacerdote como ministro da misericórdia; como homem do Evangelho e aquele que deve estar sempre com todos e falar com todos. Essas são, em síntese, as características principais do sacerdote para uma “Igreja em saída”, “pobre para os pobres”. Insisto que devemos nos aprofundar no pensamento de Francisco para usufruirmos da riqueza de sua eclesiologia relevante e extremamente oportuna.

Para Francisco, o sacerdote é “servo de Cristo”, no sentido de que sua existência, ontologicamente conformada a Jesus, adquire uma índole essencialmente relacional: ele vive por Cristo, com Cristo e em Cristo, a serviço da humanidade. A identidade do sacerdote e a missão são uma realidade unitária e indivisível. Nesse sentido, o sacerdote para uma “Igreja em saída” é aquele em cujo ministério não há separação e, menos ainda, antagonismo entre ser e fazer, mas justaposição. A eclesiologia e, por conseguinte, o sacerdócio, no pensamento do papa, caracterizam-se pelo binômio “identidade-missão”.

vp

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o Anúncio do Evangelho no Mundo Atual. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.

_____. *Homília na santa missa crismal de Quinta-feira Santa*, 28 mar. 2013, basílica do Vaticano. Disponível em: <<http://www.vatican.va/content/>

francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130328_messa-crismale.html>. Acesso em: 30 jan. 2020.

_____. *Homilia na praça de São Pedro, Angelus*, 26 mar. 2014a. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/papa-francesco_20140326_udienza-generale.html>. Acesso em: 30 jan. 2020.

_____. *Homilia na santa missa crismal de Quinta-feira Santa*, 17 abr. 2014b, basílica do Vaticano. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_20140417_omelia-crisma.html>. Acesso em: 30 jan. 2020.

_____. *Homilia na santa missa crismal de Quinta-feira Santa*, 2 abr. 2015, basílica do Vaticano. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150402_omelia-coena-domini.html>. Acesso em: 30 jan. 2020.

_____. *Homilia na santa missa crismal de Quinta-feira Santa*, 24 mar. 2016, basílica do Vaticano. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2016/documents/papa-francesco_20160324_omelia-crisma.html>. Acesso em: 30 jan. 2020.

_____. *Homilia na santa missa crismal de Quinta-feira Santa*, 13 abr. 2017, basílica do Vaticano. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2017/documents/papa-francesco_20170413_omelia-crisma.html>. Acesso em: 30 jan. 2020.

_____. *Homilia na santa missa crismal de Quinta-feira Santa*, 29 mar. 2018. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2018/documents/papa-francesco_20180329_omelia-crisma.html>. Acesso em: 30 jan. 2020.

MC CARTEN, Anthony. *Dois papas*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2019.

ORIOLO, Dom Edson. *Gestão paroquial para uma Igreja em saída*. São Paulo: Paulus, 2018.

_____. *Paróquia renovada: sinal de esperança*. São Paulo: Paulus, 2017.

Mística e testemunho em Koinonia

Inspiração que vem do martírio de duas comunidades do século XX

Maria Clara Lucchetti Bingemer



A obra faz a aproximação entre as histórias de duas comunidades religiosas distintas, uma de monges trapistas na Argélia e outra de jesuítas em El Salvador. Desses dois casos de martírio, a autora quer extrair o exemplo de compromisso com a condição do outro e o chamado que isso significa. Quer ainda salientar o perfil dos místicos contemporâneos enquanto pessoas inseridas nos ambientes seculares, comprometidas com os desafios de seu tempo.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



*Faustino Teixeira é professor convidado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG). É pesquisador do CNPq. Dentre suas linhas de pesquisa, destacam-se: teologia das religiões, diálogo inter-religioso e mística comparada das religiões. É autor de vários livros, entre os quais *Buscadores cristãos no diálogo com o islã*, publicado pela Paulus. E-mail: flteixeira@icloud.com

PAULUS PERIÓDICOS



TRADIÇÃO E QUALIDADE!

Por mais de oito décadas, a **PAULUS** tem sido referência na publicação de periódicos litúrgicos, catequéticos e pastorais!



LITURGIA DIÁRIA: PROJETO GRÁFICO E CONTEÚDO RENOVADOS

Detalhes nas
páginas impressos
na cor litúrgica
do dia

Maior qualidade
e nitidez na
impressão

Ilustrações e demais
conteúdos coloridos

Liturgia dominical
completa





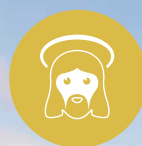
leituras bíblicas
diárias



dicas de reflexão



preces



dias dos
santos



artigos sobre
o evangelho
dominical



cantos



orações
eucarísticas



celebrações
especiais para diversas
ocasiões

A **Liturgia Diária**, pioneira no Brasil, está cada vez melhor e mais completa! A partir da edição de julho de 2020, passa a ser colorida e com a liturgia completa aos domingos.

Assine ou renove até o final de julho e garanta os mesmos valores de assinatura do ano passado!

FORMATO TRADICIONAL

Exemplares

Valor

1 a 5	R\$ 90,48
6 a 10	R\$ 83,16
11 a 15	R\$ 78,84
16 a 20	R\$ 71,28
21 a 25	R\$ 65,64
26 a 30	R\$ 63,36
31 a 50	R\$ 59,88
51 a 75	R\$ 56,64
76 a 100	R\$ 53,64
101 a 300	R\$ 51,24
301 a 500	R\$ 48,00
Acima de 501	R\$ 44,16

FORMATO GRANDE

Exemplares

Valor

1 a 5	R\$ 128,64
6 a 10	R\$ 118,20
11 a 15	R\$ 112,08
16 a 20	R\$ 101,28
21 a 25	R\$ 93,24
26 a 30	R\$ 90,12
31 a 50	R\$ 85,08
51 a 75	R\$ 80,76
76 a 100	R\$ 76,20
101 a 300	R\$ 72,84
301 a 500	R\$ 68,16
Acima de 501	R\$ 62,88

O DOMINGO

Folhetos Litúrgico-Catequéticos – Subsídios para comunidades de Fé

Os **folhetos litúrgico-catequéticos** da PAULUS visam ajudar as comunidades na experiência de fé, quando se reúnem em torno da Palavra e da Eucaristia para celebrar o memorial da paixão, morte e ressurreição do Senhor.

O DOMINGO • SEMANÁRIO LITÚRGICO-CATEQUÉTICO

Missão: Animar as comunidades que se reúnem para celebrar a Eucaristia. Traz os textos oficiais do Missal e do Lecionário, cantos específicos e dois artigos: um bíblico, sobre o Evangelho do dia, e outro catequético.

O DOMINGO • CELEBRAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS

Missão: Celebrar a presença de Deus na caminhada do povo, mediante a Liturgia da Palavra dominical. Específico para as celebrações litúrgicas das comunidades sem padre. Além das partes fixas da celebração e das leituras, oferece artigo com reflexão do Evangelho do dia.

O DOMINGO • CELEBRAÇÃO DA MISSA COM CRIANÇAS

Missão: Dinamizar a celebração eucarística com as crianças. As orações, músicas, ilustrações e a linguagem são próprias para as crianças celebrarem a Missa com alegria e boa compreensão.



Exemplares

Preço

10 a 40	R\$ 14,41
50 a 90	R\$ 13,16
100 a 240	R\$ 12,33
250 a 490	R\$ 11,41
500 a 990	R\$ 10,52
1000 a 1490	R\$ 9,47
1500 a 1990	R\$ 9,31
2000 a 2990	R\$ 8,61
3000 a 3990	R\$ 8,34
4000 a 4990	R\$ 8,10
Acima de 5000	R\$ 7,46

LITURGIA DIÁRIA DAS HORAS

Periódico mensal que traz os Hinos, Salmos, Cânticos, Leituras, Preces e Orações a serem meditados nas Horas Canônicas, durante a manhã (Laudes), à tarde (Vésperas) e à noite (Completas). Um auxílio para rezar a oração comunitária oficial da Igreja.

Exemplares

Preço

1 a 5	R\$ 90,48
6 a 10	R\$ 83,16
11 a 15	R\$ 78,84
16 a 20	R\$ 71,28
21 a 25	R\$ 65,64
26 a 30	R\$ 63,36
31 a 50	R\$ 59,88
51 a 75	R\$ 56,64
76 a 100	R\$ 53,64
101 a 300	R\$ 51,24
301 a 500	R\$ 48,00
Acima de 501	R\$ 44,16

RENOVE OU ASSINE OS PERIÓDICOS PAULUS.

(11) 3789-4000 (Grande São Paulo)
0800-164011 (outras localidades)
(11) 99974-1840 (WhatsApp)



assinaturas@paulus.com.br

- A renovação das assinaturas de todos os periódicos pode ser feita por pagamento à vista ou parcelado em até 5 vezes.
- O vencimento das parcelas acontece no dia 10 de cada mês.
- Os valores das tabelas são válidos para assinaturas realizadas até 31 de julho de 2020.

Riobaldo e o roteiro de Deus

Grande Sertão: Veredas

O artigo discorre sobre a dimensão subjetiva do clássico de Guimarães Rosa, buscando sobretudo captar o traço espiritual de Riobaldo Tatarana em suas andanças pelo sertão.

O próprio Rosa dizia ao seu tradutor italiano, Eduardo Bizzarri, que era “profundamente, essencialmente religioso, ainda que fora do rótulo estrito das fileiras de qualquer confissão e seita: antes, talvez como Riobaldo do Grande Sertão: Veredas, pertença eu a todas”. Guimarães se reconhece como um “místico”, e no seu ato de escrever era capaz de descobrir “sempre um novo pedaço de infinito”.

“Deus é alegria e coragem”

(Grande sertão: veredas – ROSA, 2019, p. 227).

INTRODUÇÃO

Tratamos da obra de Guimarães Rosa (1908–1967) *Grande sertão: veredas* (GSV), uma das mais importantes realizações da literatura brasileira no século XX, com destaque essencial na literatura mundial. Ela foi recentemente reeditada no Brasil pela Companhia das Letras, em sua 22ª edição (ROSA, 2019). Em âmbito internacional, o livro ganhou muitas edições, com destaque para a tradução alemã, com diversas edições sucessivas, e para a reconhecida tradução italiana, com 14 edições publicadas.

Como mostrou Walnice Nogueira Galvão, “Guimarães Rosa é único na literatura brasileira: foi em sua pena que nossa língua

literária alcançou seu mais alto patamar” (GALVÃO, 2000, p. 9). O romancista conseguiu, com sua obra, tocar o “centro da língua”, recorrendo com grande criatividade e ousadia à mais ampla “utilização de virtualidades” da narrativa portuguesa (BOLLE, 2004, p. 400; 442). Há algo de misterioso e místico em GSV, revelando uma parceria singular entre autor e obra, como um “casal de amantes”. Em entrevista a Günter Lorenz, em janeiro de 1965, Rosa dizia que “o bom escritor é um arquiteto da alma” (LORENZ, 2009, p. CLIV). Sem dúvida, sua relação com a linguagem tem um toque místico, de mistério, carregando

“A OBRA VAI SE DESENROLANDO NUM MARCO DE AMBIGUIDADES QUE SÃO IMPACTANTES: NO CAMPO DA GEOGRAFIA, DOS TIPOS SOCIAIS, DAS AFETIVIDADES, DAS CRENÇAS E, SOBRETUDO, DA REFLEXÃO METAFÍSICA.”

um jeito peculiar de ruminação da palavra que o mantém em alerta por horas ou dias (LORENZ, 2009, p. XLVIII). Daí a grande dificuldade de traduzi-lo para outras línguas. Algo desse mistério se perde na tecnicidade da versão para outro idioma. Rosa assinala que, quando a dúvida o assoma, busca resposta não entre os doutos professores, mas entre os vaqueiros de Minas Gerais, “que são todos homens atilados” (LORENZ, 2009, p. XLVIII).

1. UMA SAGA METAFÍSICA

Grande sertão: veredas foi publicado em 1956, mas seu primeiro rascunho ficou pronto em julho de 1954. Ao falar sobre o livro no ano seguinte a seu lançamento, no Suplemento da *Tribuna da Imprensa*, Afonso Arinos de Melo Franco sublinhou:

Grande Sertão é como certos casarões velhos, certas igrejas cheias de sombra. No princípio, a gente entra e não vê nada. Só contornos confusos, movimentos indecisos, planos atormentados. Mas, aos poucos, não é luz nova que chega: é a visão que se habitua. E, com ela, a compreensão admirativa. O imprudente ou sai logo, e perde o que não viu, ou resmunga contra a escuridão, pragueja, dá rabanadas e pontapés. Então arrisca se chocar inadvertidamente contra coisas que, depois, identificará como muito belas.

Não é um livro de fácil leitura, há que reconhecer. Isso em razão da peculiaridade da dinâmica da narrativa. Em verdade, um monólogo que retrata a interlocução do velho jagunço Riobaldo Tatarana com um

homem da cidade. Nessa conversa, Riobaldo passa em revista seu passado, seus temores, suas crenças e seu mundo. A conversa é realizada mediante um curso de “associações de uma mente atormentada refletindo sobre algo que tende a lhe escapar, mas que aflora nas imagens do demônio, do sertão, do bem e do mal, na menção de bichos e pedras e de plantas, na evocação de acontecimentos corriqueiros ou excepcionais” (ROSENFELD, 1992, p. 18).

Há que ter disciplina e paciência para a leitura do livro. O seu acesso é complexo, como lembram Mia Couto e Fernando Sabino. Como diz este último autor, “no princípio, dez primeiras páginas, é meio assim-assim, custa um pouco a engrenar, mas de repente a gente se embala no ritmo dele e não larga mais” (SABINO, 2019, p. 439). Quando se entra na sintonia do livro, o maravilhamento toma o leitor, como no caso de Clarice Lispector: “Nunca vi coisa assim! É a coisa mais linda dos últimos tempos [...]. O livro está me dando uma reconciliação com tudo, me explicando coisas adivinhadas, enriquecendo tudo” (LISPECTOR, 2019, p. 440).

No processo de interlocução com o senhor da cidade, Riobaldo expressa sua dificuldade de narração: “Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balancê, de se remexerem dos lugares” (p. 136).¹ E a obra vai se desenrolando num marco de ambiguidades que são impactantes: no campo da geografia, dos tipos sociais, das afetividades,

¹ As páginas do livro *Grande sertão: veredas*, citadas neste artigo, serão sempre da obra ROSA, 2019.

das crenças e, sobretudo, da reflexão metafísica. A ambiguidade metafísica revela, talvez, o ponto nevrálgico da obra, como sinaliza Antônio Cândido: “Ambiguidade metafísica, que balança Riobaldo entre Deus e o Diabo, entre a realidade e a dúvida do pacto, dando-lhe o caráter de iniciado no mal para chegar ao bem” (CÂNDIDO, 1971, p. 134-135).

Um dos maiores clássicos na abordagem de GSV é Manuel Cavalcanti Proença, que escreveu o livro *Trilhas no grande sertão* em 1958 (PROENÇA, 1958). Ele distingue duas linhas paralelas na obra assinalada: uma objetiva, que aborda o itinerário de andanças e combates, e outra subjetiva, que sinaliza as “marchas e contramarchas de um espírito estranhamente místico, oscilando entre Deus e o Diabo” (PROENÇA, 1958, p. 6).

No presente artigo, vamos nos fixar nessa dimensão subjetiva, buscando sobretudo captar o traço espiritual de Riobaldo Tatarana em suas andanças pelo sertão. É um dado também presente no autor da obra, Guimarães Rosa. Ele dizia ao seu tradutor italiano, Eduardo Bizzarri, que era “profundamente, essencialmente religioso, ainda que fora do rótulo estrito das fileiras de qualquer confissão e seita: antes, talvez como Riobaldo do *Grande sertão: veredas*, pertença eu a todas”. Guimarães se reconhece como um “místico” e, no seu ato de escrever, era capaz de descobrir “sempre um novo pedaço de infinito” (ROSA, 2009, p. XLI e XLVII).

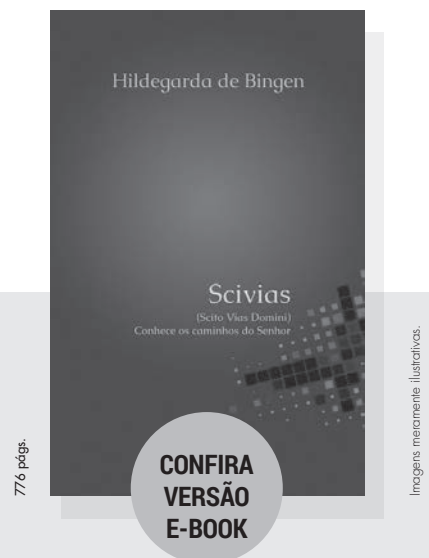
Seu personagem, Riobaldo Tatarana, vai expressar essa religiosidade em diversas passagens do *Grande sertão: veredas*. Uma delas logo no início do livro:

O que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo-é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião, para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que

Scivias

Scito vias domini – Conheça os caminhos do Senhor

Hildegarda de Bingen



Trata-se da obra religiosa mais importante de Santa Hildegarda de Bingen, considerada uma doutora da Igreja, em que narra 26 visões e as explica exegeticamente. Como grupo, as visões formam uma suma teológica da doutrina cristã. No final, encontram-se hinos de louvor e uma peça curta, um rascunho da primeira obra de moral conhecida. Esse livro é especialmente significativo para historiadores e teólogas feministas, pois elucida a vida das mulheres medievais.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

“AS PREOCUPAÇÕES QUE ESTÃO NO LIVRO SÃO AQUELAS QUE TODO SER HUMANO LANÇA AO LONGO DE SUA VIDA: SÃO CONCEITOS E ENREDOS EXISTENCIAIS UNIVERSAIS.”

sara da loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue [...]. Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca (p. 19).

2. O EIXO CENTRAL DO LIVRO

O tema central de *Grande sertão: veredas* está enredado numa dimensão metafísica. Com base em Antônio Cândido, podemos sinalizar que o sertão, na verdade, representa o mundo, e os jagunços, cada um dos seres humanos. As preocupações que estão no livro são aquelas que todo ser humano lança ao longo de sua vida: são conflitos e enredos existenciais universais, “que ultrapassam as barreiras de uma região geográfica específica” (COUTINHO, 1993, p. 25). O livro toca o eixo, a “matéria vertente” (p. 77) que desvela o segredo do medo e da coragem. O que sabiamente Rosa aponta em suas obras é a “saga de um povo e os seus percalços na busca da contenção e superação da violência” (RONCARI, 2004, p. 296). O caminho que se desvela é o do amor. É ele que dribla o ódio: “Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura” (p. 226).

Entre os passos que mais encantam o leitor ao deparar-se com *Grande sertão: veredas*, está a presença viva da natureza, nos seus miúdos detalhes: os buritis, os ventos, o mar, os pássaros e bichos, os rios. O São Francisco, por exemplo, vem mencionado mais de 50 vezes. O que Rosa amava nos rios era sua eternidade. Na sua visão, o rio era “uma palavra mágica para conjugar eter-

nidade” (ROSA, 2009, p. XLI). Em entrevista a Günter Lorenz, assinalou que gostaria de ser um crocodilo vivendo no São Francisco. Esse animal é para ele o “*magister* da metafísica”, pois identifica no rio um “mar de sabedoria”. Seu desejo de ser um crocodilo vem assim explicado:

Gostaria de ser um crocodilo, porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma do homem. Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas são tranquilos e escuros como os sofrimentos dos homens. Amo ainda mais uma coisa de nossos grandes rios: sua eternidade. Sim, rio é uma palavra mágica para conjugar eternidade (ROSA, 2009, p. XLI).

A grande questão disposta no livro é aquela que acompanha o itinerário de Riobaldo: existe ou não o demo? Para o narrador, a interrogação decisiva “é a existência dele: existe ou não? Em princípio, sente que é um nome atribuído à parte torva da alma” (CÂNDIDO, 2009, p. CLVI). Na conversa com o interlocutor, Riobaldo esclarece: “Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos” (p. 15). Esses conflitos de Riobaldo no plano subjetivo correspondem nitidamente aos conflitos universais pelos quais passa todo ser humano. Não há quem não tenha essa ambiguidade dentro de si. Faz parte do drama de estar situado no mundo, da busca do “sentido da vida” (BOLLE, 1973, p. 21). São dramas humanos com os quais a arte de Guimarães Rosa consegue sensibilizar o leitor.

3. RIOBALDO PEREGRINO

Desde que encontrou Reinaldo, aquele menino que estava “encostado numa árvore”, nas cercanias do porto do de-Janeiro, Riobaldo foi tomado por uma gana de viver, um toque de coragem para seguir em frente, com alegria. Movido por aqueles “olhos aos-grandes verdes” (p. 79) e pelo carinho de suas mãos, conheceu os mistérios da coragem para lidar com a vida e enfrentar suas mazelas. Foi ali, no “vacilo da canoa”, que sentiu o incentivo maior: “carece de ter coragem” (p. 82). Ao falar disso com seu interlocutor, diz Riobaldo:

O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e inda mais alegre ainda no meio da tristeza (p. 230).

Em toda a epopeia de Tatarana, a coragem retorna, com todo o seu profundo significado. Foi também no encontro com o menino que ele despertou para a beleza da natureza: “Quem me ensinou a apreciar essas belezas sem dono foi Diadorim” (p. 26). Ensinou o carinho com o mato da beira, as muitas flores, os pássaros, o ar do tempo, a intensidade das águas (p. 80). E, depois, o pássaro-mistério, “manuelzinho-da-crôa”, símbolo maior da união. Nunca tinha ouvido falar dele antes ou parado para poder apreciá-lo. Era apenas mais um pássaro “para se pegar a espingarda e caçar”. Mediado pelo olhar singelo de Reinaldo, Riobaldo ampliou seu olhar para perceber a singularidade desse pássaro, que anda “sempre em casal” (p. 108). Dizia Reinaldo: “É preciso olhar para esses com um todo carinho” (p. 108).

Mística de olhos abertos

Johann Baptist Metz



CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK

A obra pretende penetrar nas discussões contemporâneas sobre Deus, as Igrejas e as religiões, estabelecendo um perfil consistente de espiritualidade cristã. Essa tarefa ganha importância quando se pensa na atual indefinição semântica da palavra “espiritualidade”, sintoma de um tempo estritamente pós-religioso. O livro aborda o perfil messiânico da espiritualidade cristã, o conceito do “político” na nova teologia política e outros textos diversos.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

“NA CAMINHADA DE RIOBALDO, O OBJETIVO MAIS FORTE ERA MOSTRAR A FORÇA DO AMOR CONTRA A PRESENÇA DO ÓDIO.”

Riobaldo foi tomado de amor por Reinaldo, aquele menino “diferente” (p. 84) que tinha sido educado para ser homem. E foi por ele que Riobaldo se encantou. Ele indaga ao seu interlocutor: “Por que foi que eu conheci aquele Menino? [...]. O senhor pense outra vez, repense bem pensado: para que foi que eu tive de atravessar o rio defronte com o Menino?” (p. 84). A questão amorosa com Reinaldo (Diadorim) e as dúvidas que a acompanham vão estar sempre presentes no itinerário de Riobaldo.

A travessia metafísica de Riobaldo vai ser pontuada pela dúvida, uma caminhada em deriva, “mais largado nas mãos da sorte do que propriamente decidindo, sempre hesitante, e não só quanto ao caminho a seguir, mas também ao amor a se apegar, entre Otacília e Diadorim, que o leva a se perguntar: ‘Eu era dois diversos?’” (RONCARI, 2018, p. 107). Riobaldo oscilava sempre “entre o impulso e o projeto, a emoção e a razão, sabendo que nem se tratava de uma escolha entre o bem e o mal, o certo e o errado” (RONCARI, 2018, p. 107). Ele se dava conta de que “natureza da gente não cabe em nenhuma certeza” (p. 300).

No caso do amor a Diadorim, o que se evidenciava era o traço de obscuridade e instabilidade. Não tinha a clareza do sentimento que o habitava diante de um amor que era mais “neblina” (p. 25). E não encontrava respaldo explícito em Diadorim, que guardava celibato, dando um clima singular a todo o romance: “Enquanto atrainho pelo conjunto dos dons pessoais, pelo sortilégio das qualidades, principalmente pela feminilidade, repele pela energia mo-

ral acumulada desde sempre pelo voto da castidade” (GARBUGLIO, 1972, p. 72). Diadorim tinha nascido “para o dever de guerrear e nunca ter medo, e mais para muito amar, sem gozo de amor” (p. 432).

Por todo o romance, irrompe o carinho enorme de Riobaldo por Diadorim, e vice-versa. Era, contudo, um amor inalcançável: “Mas dois guerreiros, como é, como iam poder se gostar, mesmo em singela conversação – por detrás de tantos bríos e armas [...]. E tudo impossível” (p. 413). Diadorim era tomado substancialmente pela vontade da guerra (p. 22). Nas ocasiões em que se favorecia alguma aproximação mais íntima, ele, Diadorim, recuava com obstinação. Queria preservar apenas a amizade: “Nego que gosto de você, no mal. Gosto, mas só como amigo!...” (p. 212). Ou como em outra ocasião: “Riobaldo, eu gostava que você pudesse ter nascido parente meu...” (p. 308).

Na caminhada de Riobaldo, o objetivo mais forte era mostrar a força do amor contra a presença do ódio. No trajeto, a presença contínua das tentações, da maldade implícita da dinâmica do humano: “Eu tinha medo de homem humano” (p. 293). Riobaldo tinha consciência disso. Reconhecia que a maldade se encarnava nas pessoas, e o exemplo do demo em Hermógenes era o traço mais vivo. Tomou-se de espanto ao perceber que o ódio não tem razão, podendo aparecer em qualquer um e em qualquer momento (p. 284). Sabia igualmente que o caminho é “resvaloso”, mas com coragem enfrentava as adversidades: “Mas também cair não prejudica demais – a gente levanta, a gente sobe, a gente volta!” (p. 226).

Para alcançar seu objetivo, cercou-se de todas as proteções e de todas as rezas. Esse recurso da oração estará sempre presente: a oração que ele faz e a oração que pede aos outros para fazerem. O importante era resguardar um espaço garantido de proteção. Seu caminho é captado como um “roteiro de Deus nas serras dos Gerais” (p. 222-223). Este é um traço de sua presença no tempo: o recurso às orações. Junto a ele as rezadeiras (p. 19), as rezas fortes (p. 162) das presenças amigas. A todo tempo volta-se para o cantinho interior e faz suas orações: “Me subi para fora do real; rezei!” (p. 247); “A reza reganhei, com um fervor (p. 283); “O existir da alma é a reza... Quando estou rezando, estou fora da sujidade, à parte de toda loucura” (p. 432); “Tudo o que não é oração, é maluqueira” (p. 348). Tinha também a seu favor todas as Nossas Senhoras sertanejas, particularmente Nossa Senhora da Abadia, senhora de todas as forças e proteções: “Ah, só Ela me vale; mas vale por um mar sem fim” (p. 219). Precisava, e como, ter “todos os pastos demarcados” (p. 162), mantendo sempre aceso o *nomos* significador. Seu sonho era ver “uma igreja grande, brancas torres, reinando de alto sino, no estado do Chapadão” (p. 347).

Dizia, com rigor de alma, que todo jagunço quer o céu, e não o inferno. Nos seus sonhos, vislumbrava “o fim das fomes” (p. 313). Nesse sentido, buscava agarrar-se ao Deus sertanejo, astuto e atento: “O diabo, é às brutas; mas Deus é traiçoeiro – dá gosto! A força dele, quando quer – moço! – me dá o medo pavor! Deus vem vindo: ninguém não vê. Ele faz é na lei do mansinho – assim é o milagre. E Deus ataca bonito, se divertindo, se economiza” (p. 24).

Riobaldo percebia, e isso era sua salvação, a presença de uma vozinha interior, que agia como um anjo da guarda, uma vozinha que era “forte demais”, brotada de um “fundo onde o demônio não conseguiria entrar”

Meditação cristã

John Main



64 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O livro nasceu de uma conferência proferida na abadia de Getsêmani, onde Thomas Merton viveu. Como iniciação à oração e à prática cristã, essa obra é insuperável em simplicidade e testemunho de vida. O autor mostra que o desafio a qualquer comunidade cristã é descobrir o poder que ela recebe do Espírito Santo e reviver a santidade que lhe é própria.

O autor descreve sua própria caminhada e mostra o caminho da oração e da meditação como via aberta a todos.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

**“A TODO MOMENTO MANTINHA ACESA SUA ATENÇÃO
PARA NÃO DEIXAR O DEMO ‘BOTAR CELA’ OU GOVERNAR SUA DECISÃO.”**

(RONCARI, 2018, p. 105). Buscava agarrar-se a essa voz, ainda que a outra, igualmente potente, atentasse sua vontade e razão. Era a voz do demo, que trazia consigo “o inferno feio deste mundo” (p. 281). O demônio age nas gretas, nos intervalos, aproveitando espietamente os vacilos na caminhada. Como diz Walnice Galvão:

O Diabo ganha pequenas paradas, rápidas e logo concluídas dentro do grande fluir de tudo que existe e que é Deus; mas nessas pequenas paradas pode se danar um homem. O Diabo implica na certeza dessas pequenas paradas que se ganha ou se tenta ganhar, dentro da incerteza geral que é o fluir, onde tudo se transforma, onde uma coisa sai de outra, e desta outra vai sair outra, e assim sucessivamente (GALVÃO, 2019, p. CCXIII).

Esse demo atormenta Riobaldo todo o tempo, firmando a ambiguidade que marca sua trajetória, a fim de cessar o fluir do movimento. Daí Riobaldo ser compreendido muitas vezes como o homem dos “avessos”. A todo momento mantinha acesa sua atenção para não deixar o demo “botar cela” ou governar sua decisão. Em circunstâncias fundamentais, sova sua intimidade, visando a um caminho alternativo.

O inferno estava ali, sempre à disposição, mas as rezas fortes contrapunham seus desígnios. Havia um caminho mais importante a seguir: de “recondução das coisas a si próprias”. Daí a importância da coragem recorrente: “O espírito da gente é cavalo que escolhe estrada: quando ruma para a tristeza e morte vai não vendo o que é bonito e bom” (p. 138).

Para alcançar seu objetivo, quase impossível, Riobaldo acaba fazendo o pacto com o demo. Este surge como “o acicate permanente, estímulo para viver além do bem e do mal” (CÂNDIDO, 1971, p. 137). Aliás, este é o problema nuclear de todo o romance: existe ou não o demo? Diante da implacável presença de Hermógenes, inimigo maior, que também tinha feito o pacto, Riobaldo busca um caminho semelhante, embora não acreditasse muito nele “mercês a Deus”. Resolve, então, partir para a empreitada, visitando antes seu mundo interior: “Deixa a aguinha das grotas gruguejar sozinha” (p. 301). E parte carregando a alegria, pois tinha ciência de que “somente com alegria é que a gente realiza bem – mesmo as tristes ações” (p. 301).

Nas Veredas-Mortas fez a experiência da presença do demo. Não uma presença física, mas um “clima” amedrontador. Com a noite, a sensação de um “friúme” desestruturador. Do mais fundo de seu tremor, conseguiu tirar as “espantosas palavras” que convocavam a presença do “Pai da Mentira”. Foi tomado pelo “ror de nada”, pelo horror do nada. O demo não apareceu, somente um vento diverso no chão da encruzilhada. Naquele derradeiro momento, Riobaldo se viu inteiramente desarmado e narra ao seu interlocutor o ocorrido: “Ah, acho que não queria mesmo nada, de tanto que eu queria só tudo. Uma coisa, a coisa, esta coisa: eu somente queria era – ficar sendo!” (p. 303). Pôde então perceber que “ser forte é parar quieto; permanecer” (p. 303). Ao narrar o ocorrido, Riobaldo não se deu conta do tempo atravessado: “O não sei quanto tempo foi que estive.

Desentendi os cantos com que piam, os passarinhos na madrugada” (p. 305).

Aos poucos, com a passagem do tempo e o anúncio da manhã, Riobaldo foi tomado por nova sensação. Não conseguiu fugir à “evidência da própria mudança, após a noite em que desejou vê-lo; depois dela é que foi capaz de realizar coisas prodigiosas, inclusive a referida travessia do Sussuarão” (CÂNDIDO, 1971, p. 136). Junto com o amanhecer, o sentimento de um orvalhar: “Tudo agora reluzia com clareza, ocupando minhas ideias, e de tantas coisas passadas diversas eu inventava lembrança, de fatos esquecidos em muito remoto, neles eu topava outra razão” (p. 305).

Era como num rito de iniciação, no qual Riobaldo se transforma em Urutu Branco e ganha energias singulares para atravessar o Liso do Sussuarão e enfrentar as batalhas seguintes, culminadas no embate final do Tamanduá-Tão, quando morrem Hermógenes e Diadorim. Como indica Walnice Galvão:

na hora do combate final, o Diabo está na rua no meio do redemoinho, mas também está ao lado de Riobaldo e dentro dele. Ao cabo, Riobaldo consegue cumprir sua missão de acabar com o Hermógenes. Mas o Diabo cumpre o prometido com as tramoias que a tradição lhe atribui, ou seja, da maneira mais dolorosa e mais inesperada para aquele que lhe vendeu a alma: Riobaldo acaba com o Hermógenes, mas no mesmo ato Diadorim morre (GALVÃO, 2019, p. CCXV).

O romance, que tinha começado com a expressão “Nonada”, termina com a expressão “Travessia”. E termina mantendo aceso o paradoxo que angustiou toda a epopeia de Tatarana: existe ou não o demo? O narrador, ao final, sublinha: “Pois não? O senhor é

Oi de casa!

Igreja missionária, Igreja em saída, Igreja que visita

Pe. Aldino José Kiesel, OSFS



72 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra parte do princípio de que as pessoas estão deixando de acolher bem o outro, esquecendo-se da missão da Igreja. O autor recorda as palavras do papa Francisco sobre o tema do encontro. O texto aponta ainda que a única forma de vencer a solidão é através da vida em comunhão com os outros e com o Outro (Deus). Há também uma reflexão sobre a visita de Deus ao encarnar como homem, conforme o Evangelho de São Lucas, conhecido como o Evangelho da visita.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

um homem soberano, circunspecto. Amigos somos. Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano.² Travessia” (p. 435).

Depois da última batalha, Riobaldo resolve largar a jagunçagem, dirigindo-se para a grande cidade. Por recomendação de Zé Bebelo, o chefe jagunço e amigo, vai se encontrar com o compadre Quelemém, pessoa

de grande rareza, de espiritualidade plural e acolhedora: “perto dele todo-o-mundo para sossegado, e sorridente, bondoso” (p. 434). O encontro vai ser confortador, dando novo significado à vida. Termina sua história como fazendeiro, junto com a amada Otacília, numa das duas fazendas herdadas de seu padrinho Selorico Mendes, e é ali que faz a narração de toda a sua trajetória. Ao final, uma réstia de esperança: “Tudo sai é mesmo de escuros buracos, tirante o que vem do céu” (p. 426).

vp

2 Ver a respeito: COUTINHO, Eduardo F. *Grande sertão: veredas. Travessias*. São Paulo: Realizações, 2013, p. 98.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLLE, Willi. *Fórmula e fábula*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

_____. *Grande sertão.br*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2004.

CÂNDIDO, Antônio. *Tese e antítese*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

_____. O homem dos avessos. In: ROSA, João Guimarães. *Ficção completa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009.

COUTINHO, Eduardo. *Em busca da terceira margem: ensaios sobre o Grande sertão: veredas*. Bahia: Fundação Casa Jorge Amado, 1993.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *Guimarães Rosa*. São Paulo: Publifolha, 2000.

_____. O certo no incerto: o pactário. In: ROSA, Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

GARBUGLIO, José Carlos. *O mundo movente de Guimarães Rosa*. São Paulo: Ática, 1972.

LISPECTOR, Clarice. Cartas. In: ROSA, Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LORENZ, Günter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: ROSA, João Guimarães. *Ficção completa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009.

PROENÇA, M. Cavalcante. *Trilhas no grande sertão*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1958.

RONCARI, Luiz. *O Brasil de Rosa: o amor e o poder*. São Paulo: Unesp/Fapesp, 2004.

ROSA, João Guimarães. *Ficção completa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009.

_____. *Grande sertão: veredas*. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Grande sertão: veredas: roteiro de leitura*. São Paulo: Ática, 1992.

SABINO, Fernando. Cartas. In: ROSA, Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.



ROTEIROS HOMILÉTICOS

Rita Gomes*

14º DOMINGO DO TEMPO COMUM

5 de julho

A acolhida do rei justo e humilde

I. INTRODUÇÃO GERAL

No 13º domingo do Tempo Comum, anterior a este, a liturgia aborda a questão da acolhida dos enviados de Deus. No Evangelho daquele domingo, Jesus diz que “quem recebe um profeta, recebe a recompensa de profeta, e quem recebe um justo, recebe a recompensa de justo” (Mt 10,41). Na liturgia deste 14º domingo, a mesma questão é vista de outro ângulo, com um acento maior na imagem do justo e humilde. O ponto de partida já não é a figura clássica do profeta, mas a do rei justo e humilde do relato profético de Zacarias. Essa mesma imagem servirá para pensar a vida dos cristãos, segundo o espírito e o discurso de Jesus no Evangelho. Só depois disso podemos entender o canto do salmista: “Bendirei eternamente vosso nome, ó Senhor” (Sl 114).

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Mt 11,25-30)

As palavras de Jesus, nesse trecho do Evangelho, parecem um tanto enigmáticas. Afinal, quais são as coisas que o Senhor “es-

condeu aos sábios e entendidos” e revelou aos pequeninos? A chave para compreender essa estranha palavra de Jesus se encontra nos textos anteriores a este, pois Jesus falava antes da condição de João Batista como profeta e precursor, e das reações ao ministério de João e ao seu próprio. Aqueles que, diante da vida austera de João, o julgaram endemoninhado – embora fosse reconhecidamente profeta – porque não comia nem bebia também se voltam contra Jesus, pelo motivo oposto, e o chamam de “comilão e bebedor” (Mt 11,18-19). A mesma ideia foi expressa na imagem das crianças que, sentadas na praça, não dançam quando há música e não choram quando são cantadas canções de luto (v. 16-17).

Além disso, o texto contrasta com as invectivas contra as cidades da Galileia, para onde, após seu discurso missionário (Mt 10), Jesus partiu a fim de ensinar e anunciar a Boa-nova do Reino (Mt 11,1). A censura a essas cidades se dá pelo fato de não se arrependem, apesar de Jesus ter realizado ali a maior parte de seus milagres (v. 20). Há uma resistência a acolher os enviados de Deus. Há certo embotamento da mente para reconhecer neles a qualidade de enviados de Deus. É disso que Jesus fala quando diz que o Senhor escondeu “estas coisas” aos sábios e entendidos. Aos que

*Irr. Rita Maria Gomes, nj, é natural do Ceará, onde fez seus estudos de Filosofia no Instituto Teológico e Pastoral do Ceará (Itep), atual Faculdade Católica de Fortaleza. Possui graduação, mestrado e doutorado em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje), onde lecionou Sagrada Escritura. Atualmente é professora na Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). É membro do Instituto Religioso Nova Jerusalém, que tem como carisma o estudo e o ensino da Sagrada Escritura. E-mail: ritamarianj@gmail.com



assim se consideravam, não restava nada a aprender, a conhecer. Para os pequeninos, tudo é motivo de alegria e aprendizado. Só Jesus conhece inteiramente o Pai; portanto, só ele é capaz de revelar o próprio Deus e seus planos, pois Deus não pensa nem age como os humanos.

2. I leitura (Zc 9,9-10)

A primeira leitura traz o convite à alegria dos tempos messiânicos: “Exulta, cidade de Sião; rejubila, cidade de Jerusalém” (v. 9). Após o convite à alegria, à festa, vem a razão para essa alegria: a chegada do rei. Não de qualquer rei, porém. O rei esperado é justo, é salvador, é humilde e pacífico.

A imagem de um rei montado num jumento não é, primeiramente, referência à humildade, e sim à pacificidade, já que os “carros e cavalos” evocam o poderio bélico e guerreiro de alguns impérios. O texto do profeta Zacarias, contudo, vai além e diz que esse rei vai eliminar “os carros de Efraim e os cavalos de Jerusalém” (v. 10). Ele traz a paz, a prática da não guerra, ao interior mesmo da cidade sagrada. Após instaurar a paz em Jerusalém, também anunciará a paz às outras nações e seu domínio abarcará todo o mundo conhecido.

O profeta traça uma imagem de rei desconcertante. Um rei que não combate com carros e cavalos, que não se veste luxuosamente, que é justo em seu agir e julgar e – talvez a característica mais específica – que é salvador. Esse rei não é apenas uma antítese dos reis conhecidos até então, mas é a expressão do monarca divino.

3. II leitura (Rm 8,9.11-13)

A segunda leitura, tirada da carta aos Romanos, liga-se à primeira e ao Evangelho pela noção de receber, acolher uma vida que não se ajusta bem com a perspectiva terrena de então. Isso vem expresso, no texto, pela

contraposição entre “vida segundo a carne” e “vida segundo o Espírito”. Só uma vida vivida segundo o Espírito de Deus é realmente vida. E esta nos é assegurada pela união espiritual com Jesus Cristo.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Uma primeira consideração a ser tecida tem a ver com a noção de acolhida que perpassa as três leituras: na primeira, como convite a festejar a chegada do rei; na segunda, como convite a aceitar o Espírito de Cristo como o guia de nossa existência; e, no Evangelho, como convite a acolher o “jugo” do rei humilde e manso de coração. O jugo suave de Jesus se contrapõe aos “fardos pesados e insuportáveis” que os escribas e fariseus de seu tempo impunham aos homens (Mt 23,4). Seu jugo consiste em sua interpretação e aplicação da Lei e, sobretudo, na sua capacidade de relacionar-se com Deus como Pai. Viver sob o jugo de um rei pacífico, manso, humilde não é um fardo pesado.

Uma segunda consideração tem relação com a imagem de um rei montado num jumento. Todos nós conhecemos o texto tradicional da aproximação de Jesus a Jerusalém montado num jumentinho e sendo aclamado pela multidão para, em seguida, ser rejeitado e morto em Jerusalém. Seria natural que aqui se fizesse referência a essa leitura neotestamentária, mas isso não ocorre.

A razão disso é que a liturgia deste domingo quer acentuar não a figura de Jesus, rei manso e humilde, e sim a reação da Igreja ao seu Senhor que vem.

Em toda a liturgia, o foco está na possibilidade de recusa ou de acolhida do enviado de Deus, Jesus Cristo, e de seu projeto de salvação para a humanidade. O Evangelho deste domingo tem um caráter de censura aos que endurecem o coração e não conseguem entender, perceber e re-



conhecer a revelação divina. Ao mesmo tempo, apresenta, em forma de prece, revelação e convite, um apelo a aproximar-se de Jesus, o rei justo, manso e humilde de coração, que tomou como projeto viver como filho de Deus.

15º DOMINGO DO TEMPO COMUM

12 de julho

A Palavra do Senhor gera frutos abundantes

I. INTRODUÇÃO GERAL

Na liturgia do domingo anterior, as leituras chamavam nossa atenção para a necessidade de reconhecimento e acolhimento do Messias rei, justo e humilde. Em todas as leituras, ficava patente a incapacidade de alguns de reconhecer a visita de Deus ao seu povo na pessoa de Jesus Cristo. A imagem que veicula a mensagem da liturgia deste domingo é, sobretudo, a da sementeira, que se encontra na primeira leitura e no Evangelho. A segunda leitura liga-se às outras não pela imagem da sementeira, mas pela menção aos frutos do Espírito. A imagem da segunda leitura, a do parto, traz a mesma ideia de espera que aparece na imagem do campo semeado. É a partir daí que precisamos pensar a mensagem central da liturgia deste dia e cantar com o salmista: “A semente caiu em terra boa e deu fruto” (Sl 64).

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Mt 13,1-23)

A versão mateana da parábola da sementeira segue o esquema marcano, que, entre a parábola e a alegorização da parábola, intercala o motivo de falar ao povo por esse meio. O que está no centro é a razão de ser do texto e, de modo especial, de seu uso na liturgia deste domingo. O falar em parábolas está justificado pela citação do profeta Isaías,

A teologia mística de São Bernardo

Étienne Gilson



320 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O conteúdo da obra é originário de um conjunto de aulas dadas pelo autor, em que ele buscou trabalhar o aspecto menos estudado da mística cisterciense: a sua “sistemática”. Para isso, ele se apoia nos textos de São Bernardo, definindo sua teologia mística como uma verdadeira ciência, feita com rigor e técnica. O objetivo é promover a valorização de São Bernardo também como teólogo, e não apenas como místico. O autor aborda ainda outros temas e autores.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



que diz: “ouvindo, não ouvem, vendo não veem e não entendem” (v. 13). Como na liturgia do domingo anterior, permanece a dificuldade em aceitar o enviado divino e seu projeto salvífico.

Quanto à parábola, temos uma imagem muito rica da sementeira, que só encontra seu real sentido na alegorização. Ali, entendemos que o ponto principal não é a semente nem o semeador, e sim o solo no qual cai a semente. A semente lançada é a Palavra, o ensinamento do Reino. Daí se entende que o semeador é o próprio Jesus. Os solos são quatro: o situado à beira do caminho, o solo pedregoso, o solo espinhoso e o solo bom. A cada um se explicita uma dificuldade para que a semente germinada dê frutos. Ao final, só o solo bom dá fruto. Mesmo este, porém, não tem paridade na quantidade de frutos que produz: um dá cem, outro sessenta e outro trinta. Isso guarda a diversidade entre aqueles “solos” bons que acolhem bem a Palavra e lhe permitem germinar e se fortalecer o suficiente para produzir frutos.

Assim, na imagem do Evangelho, o questionamento sobre o porquê de falar em parábolas recebe, de certo modo, sua resposta na alegorização. É necessário receber a Palavra, deixá-la germinar e esperar que produza os frutos. Não é suficiente ouvir com os ouvidos. É necessário experimentar o ensinamento de Jesus na profundidade do Espírito, assim como a semente afunda na terra para renascer.

2. I leitura (Is 55,10-11)

A leitura de Isaías acentua a imagem da chuva – essencial para fecundar a terra e fazer germinar e dar semente – como meio para falar da Palavra de Deus, que é performativa. O movimento da água, que, saindo do céu, não volta mais, mas tem um efeito positivo para a vida humana, é adequado para falar desse caráter efetivo da Palavra.

Na profecia de Isaías, mais que a imagem do campo, temos a imagem da chuva, que prepara e dá condições para a sementeira. Esse elemento aproxima-se da parábola da sementeira mateana pela referência à Palavra, que no Evangelho é indicada como “a Palavra do Reino” (v. 19).

3. II leitura (Rm 8,18-23)

A segunda leitura, tirada da carta ao Romanos, usa a imagem do “trabalho de parto” para referir-se ao tempo de expectativa da revelação dos filhos de Deus, a qual trará a toda a criação a libertação da “escravidão da corrupção” e a participação na “liberdade e na glória dos filhos de Deus” (v. 21). Algo totalmente novo está para irromper. E não só os cristãos, aqueles que têm os primeiros frutos do Espírito, mas também toda a criação experimentam a ansiedade própria de quem espera esse novo que está para chegar. O autor da carta entende que os sofrimentos da comunidade são “as dores” que antecedem o momento do nascimento. A imagem é forte porque tem dois elementos opostos: “dor atroz” seguida de “enorme alegria”. O sofrimento não terá nenhuma importância no momento em que “nascerem”, se revelarem, os filhos de Deus. Neles, toda a criação será libertada e restaurada. Do mesmo modo que a semente precisa “morrer”, passar pelo processo de corrupção, para germinar, assim a criação experimenta a sensação de destruição para chegar à libertação.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

As leituras da liturgia deste domingo são intrigantes porque cada uma delas traz uma imagem específica ligada às demais pela ideia de “frutificar” ou pelo termo “frutos”. A primeira leitura acentua o aspecto da chuva – que, caindo, não retorna – para representar a Palavra de Deus, que, saindo de sua boca, não volta sem produzir os



efeitos por ele pretendidos. Isso, porém, é dito por meio da imagem ampla da chuva que rega o solo para o plantio. Os termos *germinar*, *semente* e *plantio* estão presentes. A imagem é a de um campo pronto para ser semeado.

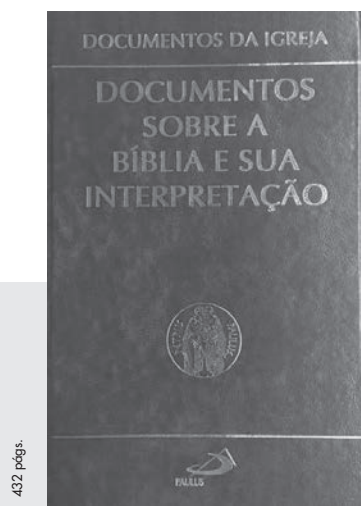
No Evangelho, os termos predominantes são *semear* (plantio), *semente* (Palavra) e “dar frutos”, que ligam a imagem da semente com a da primeira leitura, mas o acento agora não está na água da chuva que irriga o solo, e sim no próprio solo, na qualidade deste. Enquanto, na primeira leitura, a chuva representa a Palavra, no Evangelho a Palavra é representada pela semente. Embora o acento esteja no solo, sem a semente (Palavra) não haveria semente nem frutos.

Seguindo a linha de raciocínio da primeira leitura e do Evangelho, a segunda leitura indica que a comunidade cristã primitiva se entendeu como aquele solo bom no qual a semente germina e dá cem, sessenta e trinta. Por isso, os sofrimentos do tempo presente não a afetarão, porque ela não é o solo pedregoso que desistiria diante do sofrimento ou da perseguição por causa da Palavra. No entanto, os membros da comunidade cristã são apenas os primeiros frutos num campo vasto a ser ainda cultivado, semeado. A Palavra (semente) ainda deve ser lançada em todos os solos, para que se revelem os filhos de Deus.

Os cristãos – das primeiras comunidades e de hoje – são chamados a se manterem como solo bom, sem permitir que a alegria da acolhida inicial da Palavra do Reino seja perdida ou sufocada, mas produza frutos com base na sua escuta e compreensão. Como uma semente, o Reino, embora silencioso e oculto, está prestes a despontar. Estejamos preparados para ver os frutos da semente, a manifestação dos filhos de Deus!

Documentos sobre a Bíblia e sua interpretação

Vários autores



432 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Trata-se de mais um volume da coleção Documentos da Igreja e, tal como os demais, reúne o que há de mais durável em termos de documentação oficial da Igreja Católica ao longo do tempo. Contribui para o objetivo maior da coleção de, no espírito do Concílio Vaticano II, possibilitar ao leitor de língua portuguesa o contato direto com as fontes oficiais da Tradição para, com essa bagagem, responder adequadamente aos “sinais dos tempos”, um dever permanente da Igreja.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



O tempo da paciência e da benevolência de Deus

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia do domingo passado tratou do tema da Palavra eficaz de Deus com base na imagem da semeadura, trazida pela parábola contada por Jesus no Evangelho. Na liturgia deste domingo, o discurso parabólico de Jesus continua, agora com novo acento: o tempo escatológico. A noção – apenas insinuada na segunda leitura do domingo passado – de que o tempo esperado está às portas torna-se aqui o centro da reflexão. Esse tempo conta com uma espera paciente, radicada no próprio ser de Deus e em sua atitude para com os seres humanos; espera que é expressa na primeira leitura e terá seu contraponto na atuação do Espírito em favor dos humanos, atestada na segunda leitura. Em tudo isso, encontra-se presente a exclamação do salmista: “Ó Senhor, vós sois bom, sois clemente e fiel!” (Sl 85).

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Mt 13,24-43)

A leitura do Evangelho deste domingo tem praticamente a mesma estrutura e modelo da leitura do domingo anterior: Jesus conta uma parábola, depois segue a exposição do motivo para ensinar em parábolas e, enfim, a explicação ou alegorização da parábola contada. O diferencial na leitura deste dia é que temos três parábolas e a explicação apenas da primeira; além disso, há o retardamento da expressão, de fechamento das parábolas, “quem tem ouvidos para ouvir, ouça”: aqui tal expressão só vem ao final, depois da explicação da parábola, enquanto, no Evangelho do domingo anterior, ela encerrava a parábola.

A primeira parábola é conhecida como “parábola do joio e do trigo” e as outras duas como “parábolas do Reino”. No entanto, o texto é muito claro ao se iniciar com “o Reino dos céus é como” (v. 24). Ou seja, não temos uma parábola distinta das outras, mas três parábolas do “Reino dos céus”. A segunda e a terceira parábolas têm como questão principal o enigma do Reino, que é quase invisível durante um tempo e depois – como o fermento e a semente de mostarda – se manifesta de modo admirável. No contexto desta liturgia, elas seguem o fio condutor da primeira parábola, ou seja, a questão do tempo necessário para a revelação do Reino do Filho do Homem e daqueles que dele fazem parte.

O nome da primeira parábola do Reino certamente se deve ao pedido dos discípulos no v. 36: “Explica-nos a parábola do joio!” Com isso, percebemos que o acento aqui está na qualidade da semente, da mesma forma que, na parábola da semeadura, a imagem se centra nos tipos de solo.

Na explicação da parábola, Jesus apenas indica os elementos, em clara alegorização: o que semeia a boa semente é o Filho do Homem; o inimigo que semeia o joio é o diabo; o campo é o mundo; a boa semente, os que pertencem ao Reino; o joio, os que pertencem ao maligno; o inimigo é o diabo etc. Não temos aí real explicação da parábola. Podemos nos perguntar: por que o dono do campo não permite que os trabalhadores arranquem o joio? Se eles já conseguem fazer a diferença entre joio e trigo, qual a razão para esperar?

O fato é que a aparência comum de joio e trigo é a imagem perfeita para falar das pessoas. Só no tempo final será possível saber quem é “boa semente” e quem não é. Quem faz parte do Reino e quem não faz. O Reino dos céus, ao menos por enquanto, é essa realidade não discernível claramente. Nele convivem joio e trigo, o fermento



invisível que leveda toda a massa e a semente pequenina que se tornará grande árvore. Esse tempo da paciência de Deus, porém, termina com o julgamento, cuja imagem são os anjos ceifeiros, que lançarão o joio ao fogo para ser queimado.

2. I leitura (Sb 12,13.16-19)

A primeira leitura, do livro da Sabedoria, diz-nos como Deus age na sua condição de juiz: ele é justo, mas também misericordioso, indulgente. Deus é poderoso e forte, mas contém sua força e seu poder para julgar com clemência. Nesse texto, temos algumas imagens de Deus que são retomadas na parábola do Evangelho: a do juiz e a do governante, senhor do Reino. Deus é o governante que não abusa de seu poder, antes governa com consideração para com seus “súditos”. Em Deus, a força é o princípio da justiça e o domínio/poder o torna indulgente. Assim, ele é o modelo de governante e de juiz e, desse modo, ensina como devem agir os seres humanos. O ser humano deve ser justo como é o justo juiz divino.

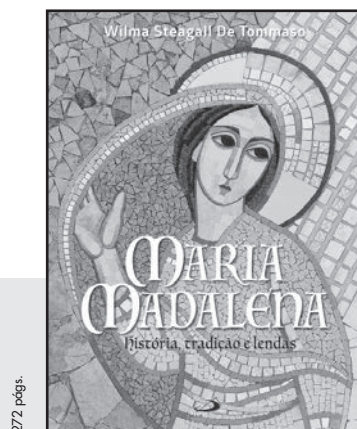
3. II leitura (Rm 8,26-27)

A segunda leitura desta liturgia dá continuidade à reflexão da carta aos Romanos do domingo passado. Os cristãos e a criação inteira estavam gemendo como em dores de parto. Agora, o Espírito intercede em favor dos cristãos com “gemidos inefáveis” (v. 26). O que significa isso em relação às outras leituras deste domingo? Enquanto vivemos o tempo da paciência de Deus antes do julgamento final, precisamos nos fortalecer no seguimento de Cristo, fazendo a vontade de Deus, justo juiz e senhor do Reino, mas não somos capazes de responder a tão grande chamado sozinhos. O Espírito é o auxiliador, enviado pelo Cristo, para nos conduzir nesse propósito, até mesmo orando em nós. É importante a afirmação do autor da carta de que não sabemos o que pedir

Maria Madalena

História, tradição e lendas

Wilma Steagall de Tommaso



Imagens meramente ilustrativas.

A obra é um desdobramento da pesquisa de três anos de mestrado da autora, que em sua minuciosa análise procura revelar os principais fatos e o que é tradição e lenda sobre uma das figuras mais importantes e controversas da Igreja. Faz isso para resgatar a identidade de Maria Madalena, partindo da sua vida na Galileia e chegando à contemporaneidade, quando muitos autores pensam revelar seus segredos e lhe atribuem atos que ela mesma desconheceu.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



nem como pedir. Isso indica que os cristãos estão ainda numa fase de juventude tal, que não têm a maturidade para discernir o que pedir e como pedir. Entende-se, dentro da dinâmica da parábola do Evangelho e da primeira leitura, que existe um tempo necessário antes do fim e, nesse tempo, o Espírito nos guia.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A liturgia deste domingo nos convida a prestar atenção no nosso tempo e nas nossas ações. O ponto a nortear a reflexão é a ideia do julgamento escatológico: a separação entre joio e trigo, entre quem faz parte do Reino dos céus e quem não faz. O Evangelho alerta para os meios de reconhecer a realidade do Reino com as imagens do plantio da boa semente, do fermento na massa e da semente de mostarda. Isso significa que o Reino não é algo tão distinto, em aparência, daquilo que conhecemos. Do mesmo modo, como os primeiros cristãos, os de agora não se distinguem dos outros pelo vestir nem pelos alimentos que comem, mas por tudo fazerem em nome de Cristo e por Cristo. Fora isso, nada em nós diz quem é joio e quem é trigo. Apenas o Cristo sabe, e todos conheceremos isso somente no dia do julgamento.

Enquanto vivemos este tempo necessário antes do fim, o Senhor bom, clemente e fiel nos concede seu Espírito, o Auxiliador, que nos capacita, age no interior dos corações, comunicando a experiência de Jesus e habilitando-nos a tomar parte no seu Reino.

17º DOMINGO DO TEMPO COMUM

26 de julho

Deus reina sobre seu povo

I. INTRODUÇÃO GERAL

O Evangelho do domingo anterior continuava o discurso parabólico de Jesus por

meio das chamadas “parábolas do Reino”. A liturgia deste domingo dá continuidade tanto ao discurso parabólico quanto ao tema do Reino no discurso de Jesus. Nas parábolas, narradas no Evangelho de hoje, o acento é levemente modificado em relação às do domingo passado, embora a questão principal continue. A primeira e a segunda leituras se ligam ao Evangelho pela relação que se estabelece entre os justos e o Reino, apoiada na consideração da Lei do Senhor, sobre a qual o salmista declara: “Como amo, Senhor, a vossa Lei, vossa Palavra!” (Sl 118,97).

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Mt 13,44-52)

O Evangelho deste domingo traz mais três parábolas do Reino. Duas delas apresentam o mesmo esquema e modelo e uma terceira é distinta, à semelhança das da liturgia do domingo anterior. Em comparação com as do domingo passado, percebemos a inversão da ordem das parábolas. Antes tínhamos uma parábola na qual o caráter escatológico era mais central, seguida de duas parábolas mais voltadas para a “essência” do Reino. Agora temos, primeiro, duas considerando o “ser” do Reino, seguidas por outra de caráter mais escatológico.

As duas primeiras parábolas da leitura deste domingo concentram-se no grande valor do Reino: um tesouro escondido num campo e uma pérola de grande valor. As duas obedecem à mesma lógica: o bem precioso encontrado gera em quem o encontra a decisão de “vender tudo” para adquirir o que encontrou. Diante do Reino, tudo mais perde valor.

A terceira parábola da leitura deste domingo segue, bem de perto, a mensagem da liturgia do domingo anterior, no tocante ao caráter escatológico. Nela, o Reino dos céus é comparado com uma rede de pesca que, ao ser lançada, pega “todo tipo de peixe”.



A rede lançada não faz a distinção entre os peixes bons para consumo e os que não servem. A triagem é feita pelos pescadores na praia. A imagem da triagem dos peixes é um espelho da separação entre “joio e trigo” feita pelos ceifeiros (Mt 13,30). O final dessa parábola é praticamente idêntico ao final da parábola do “joio”: no fim dos tempos, os anjos virão para separar os homens maus dos justos, e os maus serão lançados na fornalha de fogo (Mt 13,40ss). O Reino dos céus supõe um julgamento último e a separação entre aqueles que seguem a Deus e fazem sua vontade e os injustos, que não seguem sua Palavra, sua Lei.

Curiosamente, o Evangelho não termina aí, e sim com a afirmação: “todo mestre da Lei que se torna discípulo do Reino dos céus é como um pai de família que tira de seu tesouro coisas novas e velhas”. Essa fala final de Jesus funciona como uma espécie de resumo de todo o ensino parabólico. Ele retoma a questão do Reino dos céus, da Lei e do tesouro, presente nas duas primeiras parábolas. Jesus não fala de quem se torna discípulo seu, mas do Reino dos céus; não fala de seus discípulos, mas de “todo mestre da Lei” e do tesouro destes. Com isso, está dizendo que o conhecedor da Lei, uma vez que se torna discípulo, tira do tesouro da Lei mais que “velhos” ordenamentos: tira o espírito que anima cada lei e mandamento do Senhor. Entre os peixes bons também haverá “mestres da Lei”.

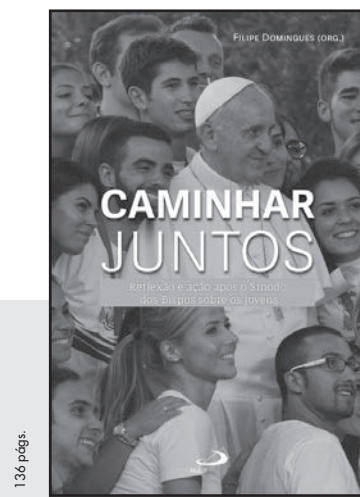
2. I leitura (1Rs 3,5.7-12)

A primeira leitura traz o texto conhecido como “oração de Salomão”. A narrativa é muito solene, porque é construída como um tipo muito particular de teofania: Deus aparece a Salomão em sonho e lhe oferece o que desejar. Salomão, antes de dizer o que deseja que Deus lhe conceda, faz um reconhecimento de sua incapacidade para a missão de governar o povo, por conta de

Caminhar juntos

Reflexão e ação após o Sínodo dos Bispos sobre os jovens

Filipe Domingues (org.)



Trata-se de uma coleção de artigos feitos pelos brasileiros presentes na Assembleia do Sínodo dos Bispos sobre “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”, cujo objetivo é ajudar líderes leigos, bispos, padres, religiosos e os próprios jovens em suas reflexões, agora, depois do Sínodo. É preciso refletir sobre o que foi dito ali e colocá-lo em prática. Cada artigo é fruto da reflexão individual de cada autor, mas serve de impulso para o diálogo em comunidade.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



sua juventude e inexperiência. Só depois ele pede a Deus um coração capaz de discernir entre o bem e o mal para poder governar como convém, ou seja, com justiça.

Esse pedido de Salomão, que foi atendido por Deus, tem estreita ligação com o final do Evangelho, pois a sabedoria para governar com justiça é o tesouro do coração. A expressão “Reino de Deus”, em Marcos, e seu correspondente “Reino dos céus”, em Mateus, significam simplesmente “Deus reina”, Deus é que governa. Assim, todo aquele que se torna discípulo do Reino dos céus tira do tesouro de seu coração “coisas velhas e novas”, a sabedoria para julgar e governar com justiça.

3. II leitura (Rm 8,28-30)

A segunda leitura se volta para a condição dos seguidores de Cristo. O lugar dos cristãos estava no coração de Deus desde o princípio, como projeto salvífico. Os cristãos são vocacionados, gratuita e eficazmente, a ser imagem do Filho, e este é, entre outras coisas, justo. Por isso, Deus tornou justos os que foram chamados, à imagem de seu Filho. O chamado de Deus a nós dirigido é para que correspondamos ao projeto de amor que ele tem para cada ser humano: ser imagem e semelhança de seu Filho, o primogênito de uma multidão de irmãos.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Um primeiro tema a ser explorado nas leituras deste domingo é o aspecto do julgamento final. Não podemos esquecer que, no Evangelho, as parábolas são todas sobre o Reino dos céus e, na última, o acento é claramente o julgamento no fim dos tempos. Isso significa que, uma vez que a realidade do Reino dos céus se faz presente, necessariamente se dá o julgamento, pois esse Reino é incompatível com maldade, injustiça, desigualdade etc. O julgamento do

fim dos tempos indica que tudo o que não corresponde ao projeto divino de salvação deve desaparecer. O Reino dos céus é incompatível com a maldade, com a injustiça.

Disso decorre que consideremos outro tema presente nesta liturgia: a justiça. Esse tema aparece de modos distintos em cada leitura. Na primeira, aparece como a característica do rei que governa segundo a vontade de Deus. Salomão é o rei a quem Deus deu um coração capaz de discernir entre o bem e o mal, para que governasse com justiça. No Evangelho, o tema surge na separação do fim dos tempos: os anjos irão separar as pessoas más das justas. E, na segunda leitura, a justiça é primeiramente uma característica do Filho e a vocação dos seus seguidores, uma vez que são vocacionados a serem conformes à imagem do Filho, no qual, além de redenção, temos a plena realização do humano.

18º DOMINGO DO TEMPO COMUM

2 de agosto

Onde o Reino dos céus se torna realidade, não há fome

I. INTRODUÇÃO GERAL

Nos domingos precedentes, as leituras do Evangelho versavam sobre o Reino dos céus no discurso parabólico de Jesus (Mt 13,1-52). Na liturgia deste domingo, a questão do Reino permanece, mas agora em gestos e imagens que revelam o Reinado de Deus. Uma das imagens mais fortes da realidade do Reino é a abundância de alimentos, por isso o Evangelho e a primeira leitura trazem a imagem de um “banquete”, e a segunda leitura assegura a união amorosa de Deus, por meio de Jesus Cristo, com aqueles a quem chamou para fazerem parte de seu Reino. Por isso tudo, o salmista pode cantar: “Vós abris a vossa mão e saciais os vossos filhos” (Sl 144).



II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Mt 14,13-21)

Na versão mateana da partilha miraculosa do pão, a ocasião é preparada em referência à morte de João Batista. No texto marcado, fonte de Mateus para o texto de hoje, a primeira narrativa do episódio dos pães também está em relação com a morte de João Batista, porém com um acento diferente: o acontecimento segue os questionamentos de Herodes sobre se Jesus era João Batista que tinha ressuscitado (Mc 6,14), disponibilizando a informação sobre a morte do profeta. Contudo, é a volta dos doze da missão a ocasião para o milagre do pão.

Para Mateus, o afastamento de Jesus para um lugar deserto é motivado pelo conhecimento da morte de João Batista. Ao tomar conhecimento da triste notícia, Jesus se afasta para um lugar deserto de barco. Quem vai para um deserto de barco? A referência ao barco indica que o deserto aqui não significa o deserto físico, mas a condição de pouco movimento ou habitação. Chegando ao local, Jesus é recebido pelas multidões, que foram a pé. O aparente desejo de Jesus de estar sozinho malogra. Diante de uma multidão que o procura, todo seu ser se move: “Encheu-se de compaixão e curou os que estavam doentes” (v. 14).

Ao final do dia, os discípulos, também preocupados com a multidão, desejam que Jesus envie aquelas pessoas para que possam ir em busca de alimento. Jesus, no entanto, passa aos discípulos a responsabilidade de alimentar aquele povo. Tudo o que eles têm são cinco pães e dois peixes, a comida habitual do povo daquela região. Jesus pede que levem a ele o que têm e, após pronunciar a bênção sobre os alimentos, entrega-os aos discípulos para que distribuam. O resultado dessa partilha generosa é uma sobra impressionante: 12 cestos cheios. Alimentar 5 mil homens, sem contar mulheres e crianças, indica que, na verdade, se alimentou muito

Querida Amazônia

Ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade

Papa Francisco



Imagens meramente ilustrativas.

O Sínodo para a Amazônia resultou nessa exortação pós-sinodal. O documento é um norte para novos caminhos de evangelização e cuidados com o meio ambiente e os pobres. Nele, o Papa fala sobre seus quatro grandes sonhos em relação à Amazônia: o de que ela lute pelo direito dos seus povos nativos; o de que ela preserve sua riqueza cultural; o terceiro, de preservação das belezas naturais; e, por fim, o de que a Igreja se encarne na região e ganhe traços amazônicos.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



mais do que é possível calcular. A menção às mulheres e às crianças, própria de Mateus, marca a presença e a participação delas no banquete do Reino. É uma indicação de que todos podem ter acesso a ele.

Habitualmente, nos comentários a esse texto, diz-se que os 12 cestos representam as 12 tribos de Israel, o que é correto. Não se costuma dar muita atenção, no entanto, ao fato de que os 12 cestos são as sobras da alimentação de uma multidão indistinta. Se os 12 cestos das sobras representam Israel, isso pode indicar o transbordar da alimentação providenciada por Deus no deserto com Moisés. Nos relatos mosaicos, o maná era a cota que cada um podia comer no dia, não havia espaço para sobras. Aqui, supõe-se que esse alimento ainda servirá para alimentar Israel.

2. I leitura (Is 55,1-3):

A primeira leitura está intimamente conectada com o Evangelho. As multidões devem estar atentas ao convite divino expresso pelo profeta Isaías: “Inclinai vosso ouvido e vinde a mim” (v. 3). O Senhor, no texto de Isaías, convida a vir e a ouvir. O chamado está marcado em “vinde às águas”, “vinde e comei”, “vinde comprar” e, no final, “vinde a mim”. Em seguida, vem o convite a ouvir: “ouvi-me com atenção” e “inclinai vosso ouvido”.

Ir ao encontro de Deus é a condição para já não padecer a fome. O ouvir, nesse texto, tem o sentido de dar assentimento, obedecer. Trata-se do *shemah Israel*, “ouve, Israel”, que supõe muito mais que a simples capacidade física da audição, é o voltar todo o ser para o Senhor. “Ouvi e tereis vida” (v. 3) é um modo de indicar que a escuta do Senhor é a garantia de vida, tendo como imagem mais forte a alimentação, que garante a força e o vigor do corpo. A escuta é condição para o estabelecimento de uma aliança eterna, inquebrantável, que garante ao povo abundância e vida em plenitude.

3. II leitura (Rm 8,35.37-39)

A segunda leitura traz um texto curto, claro e muito forte. Não existe nada, nem no mundo físico nem no âmbito do transcendente, que possa quebrar a relação de amor que nos une a Deus por meio de Jesus Cristo. O autor da carta expõe os aspectos terrenos e transcendentais de modo diferente. As questões pertencentes ao âmbito do terreno são expostas por meio de perguntas, sendo a primeira a orientadora de todas as outras: quem nos separará do amor de Cristo? Todas as outras são desdobramentos desta: tribulação, angústia, perseguição, fome, nudez, perigo, espada? Ao final, o autor mesmo responde que, graças àquele que nos amou, já somos vencedores sobre todas as dificuldades que possam se levantar contra nós.

O aspecto transcendente, por sua vez, vem exposto como confissão de fé em que não existe nenhuma potência capaz de nos separar do amor de Deus. A pergunta inicial, a respeito da separação em referência ao amor de Cristo, agora está referida ao amor de Deus, manifestado em Cristo. No fim das contas, é um único e mesmo amor.

Uma vez que nos ligamos a Deus por meio de Jesus Cristo, em seu amor não existe nenhuma instância capaz de romper esse laço. A todas as perguntas dessa leitura temos um “não” como resposta.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O primeiro tema a considerar, que liga as três leituras, é a questão do alimento (pão), mesmo que a segunda leitura só toque transversalmente o assunto, quando, entre as perguntas, coloca a “fome”. A fome está implícita na primeira leitura, quando o profeta diz “vinde e comei”, pois antes diz: “vós que tendes sede, vinde às águas”. Essa frase é um convite a beber e saciar a sede. Do mesmo modo, o “vinde e comei” é um convite a saciar a fome.



A mesma lógica aparece no Evangelho, com o desejo dos discípulos de despedir a multidão, para que comprasse comida, e a resposta de Jesus: “Dai-lhes vós mesmos de comer”. Na primeira leitura e no Evangelho, aparece, junto com a questão do alimento, a do dinheiro, que se torna dispensável para a compra do alimento, pois é o próprio Deus quem provê a alimentação.

Por trás de tudo isso, está a noção de Reino dos céus, pois, quando e onde Deus governa, não falta o essencial ao sustento da vida, que é o alimento. No Reinado de Deus, o alimento não é privilégio de alguns, mas direito adquirido por todos, porque ele é o Deus da vida e a seus filhos não pode faltar o sustento.

19º DOMINGO DO TEMPO COMUM

9 de agosto

Deus se manifesta aos seus

I. INTRODUÇÃO GERAL

Na liturgia do domingo passado, as leituras envolviam a questão do Reino dos céus, que se revela nas palavras e ações de Jesus. Neste domingo, a liturgia se volta para a revelação de Jesus como Messias e Filho de Deus. O Evangelho traz uma teofania em íntima relação com a teofania presente na primeira leitura. Essa revelação transborda na consideração da origem humana de Jesus, na segunda leitura. A perspectiva da revelação, por sua vez, aparece como anseio na boca do salmista, ao dizer: “Mostrai-nos, ó Senhor, vossa bondade, e a vossa salvação nos concedei!” (Sl 84).

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Mt 14,22-33)

A leitura do Evangelho deste domingo continua a narrativa do Evangelho do domingo anterior, e essa continuação é mar-

Filosofia do cuidado

Luigina Mortari



272 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra se propõe a analisar o fenômeno do cuidado, em vista de compreendê-lo em suas qualidades essenciais. Trata-se de compor, conforme o método fenomenológico, uma teoria descritiva do cuidado que possa constituir o campo para desenhar uma válida política da experiência. Tal esforço nasce da compreensão de que somos o que fazemos e aquilo de que cuidamos. É irrenunciável cuidar da vida, para conservá-la no tempo e para reparar as feridas do existir.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



cada pelo início: “depois da multiplicação dos pães”. Esse trecho tem dois momentos: o movimento de Jesus da montanha ao mar e a ida de Pedro ao encontro de Jesus sobre as águas.

A sequência é uma justificativa para os eventos narrados no mar. Jesus sobe ao monte para orar sozinho. Enquanto estava na montanha, os discípulos estavam no meio do mar e o barco era agitado pelas ondas por causa do vento. Jesus vai ao encontro dos discípulos caminhando sobre o mar. O que impressiona, nesse relato, é que a razão do medo dos discípulos se justifica pela impressão de que Jesus fosse um fantasma, e não pelo fato de que alguém possa caminhar sobre as águas de um mar agitado. O final desse primeiro momento se conclui, como se concluem normalmente as teofanias, com uma exortação a não temer: “Coragem! Sou eu. Não tenhais medo!” (v. 27).

O segundo momento da narrativa envolve as consequências dessa teofania. Jesus acabara de dizer “sou eu”, e Pedro rebate: “Se és tu, Senhor, manda-me ir ao teu encontro, caminhando sobre a água” (v. 28). Diante disso, Jesus responde a Pedro: “Vem!” Ao chamado de Jesus, Pedro prontamente sai do barco e começa a andar sobre a água, mas o vento lhe causa medo e começa a afundar. No primeiro momento, o medo era porque achavam que Jesus fosse um fantasma, agora a causa do medo é o vento. Jesus censura Pedro por sua fraqueza na fé. Há uma relação aqui muito sutil: o contrário da fé é o medo. Por isso, a cada momento de medo há um alerta para dar-se conta de que o Senhor está com eles. É a presença de Deus, que afasta o medo debilitador da fé.

2. I leitura (1Rs 19,9a.11-13a)

A primeira leitura da liturgia deste domingo é, como o Evangelho, um relato de teofania. Aqui, o profeta Elias se encontra no monte Horeb, para onde fugiu por

medo de Jezabel. No Horeb, Elias procura uma gruta e ali se abriga durante a noite. Deus se dirige ao profeta e ordena: “Sai e permanece sobre o monte diante do Senhor, porque o Senhor vai passar” (v. 11). O Senhor convida o profeta a ir ao seu encontro no monte. Elias, porém, precisa reconhecer o momento em que Deus se manifestará e o modo como o fará.

O relato traz as imagens habituais da teofania: vento impetuoso, terremoto, fogo. Em nenhuma das expressões conhecidas Deus estava. O Senhor se mostra numa leve brisa e, diante dele, Elias cobre o rosto com o manto, sai e se põe à entrada da gruta. A teofania do Senhor ao profeta Elias é construída segundo o modelo de Moisés: acontece por meio de fenômenos naturais e no Horeb, a montanha onde também Moisés encontrou a Deus. Por isso, Elias cobre o rosto como antes fizera Moisés. As duas teofanias estão relacionadas à aliança. O Senhor veio a Elias em um momento em que a aliança selada entre Deus e o povo, por intermédio de Moisés, estava ameaçada. Uma vez mais, Deus toma a iniciativa, mostra sua bondade e vem em socorro do seu povo.

3. II leitura (Rm 9,1-5)

A segunda leitura continua, como nos domingos anteriores, o texto da carta aos Romanos. Nesse trecho, o autor conta a razão de sua tristeza: a situação dos israelitas em relação à salvação. Deus se manifestou definitivamente em Cristo, mas uma parte do povo eleito não o reconheceu. O apóstolo sente tão profundamente essa situação, que chega a desejar ser “segregado por Cristo” em favor dos seus irmãos. Diante disso, faz um elenco de tudo que poderia exaltar seu povo: a filiação adotiva, a glória, as alianças, as leis, o culto, as promessas e os patriarcas. Nada disso parece ter sido suficiente para que, diante da teofania de Cristo, os israelitas o percebessem.



Por fim – e talvez o mais importante para o apóstolo nesse momento –, ele recorda que, quanto à sua humanidade, Cristo descende desse povo. Por meio de Israel, Cristo, na condição de humano, chegou até nós e nos garantiu a salvação. Pode esse povo, eleito por Deus e responsável pela vinda do Filho na carne, ser renegado? Por que o povo de Deus não soube reconhecer essa teofania distinta? Não temos resposta pronta nem fácil a essas questões, mas elas nos inspiram a não nos fecharmos em visões estreitas ou sedimentadas que impedem o reconhecimento de Deus quando ele vem ao nosso encontro.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O tema que vincula as três leituras da liturgia deste domingo é o da manifestação ou revelação de Deus. A esse tema se ligam a questão do não reconhecimento de Deus em seu meio de revelação, bem como a questão da fé nele, que é abalada ou fragilizada pelo medo. Reconhecer a manifestação de Deus é o primeiro passo para a salvação por meio do encontro amoroso com ele.

Nas leituras, o encontro é marcado pelos lugares: montanha e mar. Esses dois lugares são aproximados pelo elemento vento, embora de modo distinto. O vento forte (impetuoso) aparece na primeira leitura e no Evangelho com funções diferentes. Com Elias, o vento impetuoso só tem função negativa, indicando que Deus não estava nele. No Evangelho, o vento agitava as ondas e o barco onde se encontravam os discípulos; Deus também não estava nele. Contudo, a simples presença de Jesus no barco faz o vento acalmar. Diante da brisa suave, Elias cobre o rosto, como antes fizera Moisés, em sinal de respeito. Diante daquele que acalma o vento, os discípulos se prostram pela mesma razão e fazem uma profissão de fé: “Tu és o Filho de Deus”.

Com Deus me deito, com Deus me levanto

Francisco van der Poel (Fr. Chico)



408 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Trata-se da ampliação de um estudo feito pela CNBB em 1979. Nele, há uma seleção de rezas da tradição oral e outros elementos da rica religiosidade popular brasileira, pesquisada pelo autor durante quarenta anos. Esse tesouro vem acompanhado de informações históricas, explicações e reflexões para estudiosos e rezadores.

Artigos auxiliares e uma bibliografia específica completam a obra. Índices diversos facilitam a consulta.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



A afirmação dos discípulos de que Jesus é o “Filho de Deus” encontra, de certo modo, correspondência na segunda leitura, quando o apóstolo diz que aos israelitas pertence a “filiação adotiva”. Com efeito, a expressão “Filho de Deus” é, antes de tudo, uma afirmação da adoção do rei como “filho” por Deus. Essa é a primeira afirmação do apóstolo sobre os israelitas, e a última é a afirmação de que deles descende o Cristo quanto à sua humanidade. Isso pode indicar que, para o autor da carta, a expressão “filho de Deus” tinha também o sentido veterotestamentário de “adoção”, e não a afirmação posterior da “divindade” do Filho.

Enfim, a liturgia deste domingo se propõe nos fazer refletir sobre a manifestação gratuita de Deus e seu convite para que o encontremos onde e como ele se deixa ver. Convida-nos a ter olhos e corações abertos para percebê-lo e, sobretudo, a não ter medo, porque o medo nos impede de continuar a caminhar ao seu encontro.

ASSUNÇÃO DE NOSSA SENHORA

16 de agosto

MARIA, PRINCIPAL COLABORADORA NO PROJETO DIVINO DE SALVAÇÃO

I. Introdução geral

A solenidade da Assunção de Nossa Senhora quebra a sequência de leituras da liturgia do Tempo Comum, mas não o percurso de celebração do mistério salvífico. Essa solenidade representa uma afirmação de fé alicerçada no mistério pascal: Jesus ressuscita como primícias dos que morreram, como atesta o apóstolo Paulo na segunda leitura. Por isso, o Evangelho e a primeira leitura deste domingo versam sobre o mistério de Jesus Messias. A resposta do salmo aponta para o lugar ocupado por Maria em virtude de sua resposta positiva à missão que lhe fora confiada por Deus, e por isso,

com o salmista, cantamos: “À vossa direita se encontra a rainha, com veste esplendente de ouro de Ofir” (Sl 44).

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Lc 1,39-56)

No trecho do Evangelho desta solenidade, a comunidade celebrante é chamada a acompanhar a visita de Maria a Isabel. O convite, porém, supõe que a acompanhe buscando o olhar e o espírito de Maria, conforme o relato lucano. Logo no início, o evangelista chama a atenção para o local ao qual ela se dirige – “à região montanhosa, a uma cidade da Judeia” (v. 39). A primeira informação aponta para algo importante na teologia bíblica e que, de certo modo, indica o ponto alto do relato: um tipo particular de teofania. A montanha é, tradicionalmente, o lugar de encontro com Deus, o lugar privilegiado para a revelação divina; basta recordar o encontro de Moisés com Deus na montanha do Sinai. Toda essa tradição está subentendida nessa simples informação.

O restante do texto está situado entre uma casa, a de Zacarias, e outra, a de Maria. Ao entrar na casa de Zacarias e cumprimentar sua prima Isabel, a “teofania” se dá. Toda a fala de Isabel é um professar fiel do reconhecimento de João em relação ao seu Senhor. Na narrativa de Lucas, esse é o único momento em que João e Jesus se encontram, ambos nos ventres maternos. A primeira revelação de Jesus, como enviado de Deus, é narrada de modo velado por intermédio das mães. O extraordinário da ação de Deus se dá em duas mulheres aparentemente impossibilitadas de ter filhos: uma virgem e uma anciã, de quem se diz que era estéril.

O terceiro momento do texto é o canto de louvor entoado por Maria em resposta ao louvor que Isabel lhe faz. Maria assume seu lugar de membro fiel de um povo a quem Deus vem, mais uma vez, resgatar



e salvar. É na condição de “filha de Sião” que louva a Deus por suas maravilhas e por seu filho, que será o meio de salvação para Israel e para toda a humanidade.

2. I leitura (Ap 11,19a; 12,1.3-6a.10ab)

A primeira leitura, tirada do livro do Apocalipse, é bem conhecida por sua aplicação a Maria. A tradição da Igreja só o faz por entender que Maria simboliza a Igreja. Desse modo, todos os textos que dizem respeito à Igreja também podem ser referidos a Maria. A linguagem apocalíptica dá um tom solene e, ao mesmo tempo, dramático. Seu sentido, porém, é bem simples. Os povos antigos, entre os quais Israel, não faziam diferença entre Igreja e Estado. Um rei terreno governava porque Deus assim o dispunha. As guerras eram, em última instância, entre os deuses. Por isso, ao Rei eterno se opunham reis terrenos, que governavam segundo seus próprios interesses e enfrentavam os que lhes eram contrários, ainda que fosse o próprio Deus. A imagem elaborada nesse texto fala sobre esse combate entre Deus e seu projeto e as forças contrárias a ele. Importa, aqui, mirar as figuras que colaboram com Deus: uma mulher e o filho que ela dá à luz. Instintivamente, identificamos Maria com essa mulher e seu filho com Jesus Cristo.

3. II leitura (1Cor 15,20-27a)

A segunda leitura, tirada da primeira carta aos Coríntios, reflete sobre o lugar único de Cristo no projeto divino de salvação. Ela diz qual a função dele: vencer todos os inimigos de Deus e da humanidade. O último inimigo a ser vencido é a morte. Por isso, a reflexão paulina parte da condição de morte que atinge toda a humanidade por causa do primeiro Adão e conclui como a vitória definitiva que vem com o novo Adão, Cristo Jesus. Esse texto paulino só pode ser compreendido à luz de Gn 3.

Thomas Merton Contemplação no tempo e na história

Sibélius Cefas Pereira



568 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

A obra, que originalmente foi a tese de doutorado do autor, conta-nos um pouco sobre a história de Thomas Merton e investiga a sua proposta de vida contemplativa, marcado sobretudo por não levar à negação do mundo, mas, sim, à ação no mundo.

Esse estudo colabora para a difusão do pensamento desse mestre espiritual ainda pouco explorado, revelando-nos a sua capacidade de, ao mesmo tempo, ser um monge contemplativo e construir um diálogo aberto com seu tempo.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



A morte que atinge a humanidade “por um homem” – leia-se, Adão – não é a morte física que todo ser vivo experimentará mais cedo ou mais tarde, e sim a morte entendida como separação de Deus. Com o pecado, a humanidade foi afastada do convívio harmonioso e paradisíaco com Deus. É essa morte que o novo Adão, Cristo Jesus, vence ao fazer em tudo a vontade divina e ao ressuscitar como primícias. Nele, todo ser humano pode voltar ao convívio íntimo e salvífico com Deus.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

As leituras desta solenidade apontam para o papel imprescindível de Jesus na salvação da humanidade e para a colaboração única de Maria. O Evangelho informa que Maria, após aquele encontro especial com Isabel, ficou ainda três meses com sua parente e depois voltou para casa. A vida segue, sua colaboração com o projeto divino de salvação transcorre no velamento. A primeira leitura, com uma linguagem profundamente simbólica, realça os papéis da mulher e do filho, ou seja, de Maria e de Jesus Cristo, no projeto divino de salvação. Com a segunda leitura, podemos compreender a importância da colaboração de Maria no projeto salvífico, pois a morte veio por um homem e era necessário que a vitória sobre ela viesse também por um homem. Em Gl 4,4, Paulo diz que Deus enviou seu Filho “nascido de mulher”, pois, para a salvação da humanidade, a própria humanidade deveria dar sua contribuição. Quando se diz que o Cristo “nasceu de mulher”, afirma-se sua humanidade juntamente com sua divindade e se assegura a salvação de toda a humanidade no humano por excelência, Cristo Jesus.

A Assunção de Maria tem sua base na ressurreição de Jesus, o primogênito entre os mortos. Na celebração dessa solenidade,

a Igreja professa a fé na própria ressurreição em Cristo Jesus, visto que Maria é a imagem realizada da Igreja, é sinal de esperança para a Igreja que caminha neste mundo.

21º DOMINGO DO TEMPO COMUM

23 de agosto

Quem é o revelador de Jesus?

I. INTRODUÇÃO GERAL

No domingo passado, celebramos a solenidade da Assunção de Nossa Senhora, e a reflexão versava sobre o papel de Maria no projeto salvífico, sobretudo em sua condição de Mãe do Salvador. Retomando a liturgia do Tempo Comum, celebramos o 21º domingo, cujas leituras versam sobre o conhecimento ou reconhecimento de quem é Jesus dentro do projeto salvífico de Deus para a humanidade e qual o alcance de seu poder e autoridade. Isso é patente, sobretudo, no Evangelho e na primeira leitura. A segunda leitura, uma espécie de salmo de louvor a Deus, atesta a grandiosidade e o contínuo desejo divino de salvar a humanidade. Em consequência disso, somos levados a unir nossa voz à do salmista e a dizer: “Ó Senhor, vossa bondade é para sempre! Completai em mim a obra começada!” (Sl 137).

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Mt 16,13-20)

A versão de Mateus da chamada “confissão de Pedro” tem algumas diferenças significativas em relação à de Marcos, sua fonte. O lugar parece ser o mesmo, a região de Cesareia de Filipe, para onde tinha ido com seus discípulos. Contudo, em Marcos, Jesus questiona seus discípulos sobre sua identidade quando estavam no caminho em direção a Cesareia de Filipe, ao passo que Mateus situa o diálogo precisamente neste lugar. As perguntas são as mesmas, embora



haja pequena e importante mudança na primeira. Em Marcos, a pergunta é: “Quem dizem os homens que eu sou?” (Mc 8,27). Mateus, por sua vez, substitui o “eu sou”, deixando desta forma: “Quem dizem ser o Filho do Homem?” (v. 13).

A resposta a essa pergunta também é levemente diferente. Em Marcos, temos: “Uns dizem João Batista; outros, Elias; outros ainda, um dos profetas” (Mc 8,28). Mateus traz: “Alguns dizem que é João Batista; outros, que é Elias; outros ainda, que é Jeremias ou algum dos profetas” (v. 14). Mateus insere na lista dos prováveis o profeta Jeremias. Na versão de Mateus, como em Marcos, essa resposta é seguida pela segunda pergunta: “E vós, quem dizeis que eu sou?” (v. 15). A resposta de Pedro também é modificada por Mateus, que acrescenta ao “Tu és o Messias” a determinação: “o Filho do Deus vivo” (v. 16). Com isso, Mateus unifica, nesse relato, os três atributos messiânicos mais destacados nos Evangelhos: Messias (Cristo), Filho do Homem e Filho de Deus, o que não ocorre nem em Marcos nem em Lucas.

Nos outros sinóticos, o relato termina aqui, com a advertência de que os discípulos nada falem sobre isso. Mateus acrescenta uma resposta de Jesus à afirmação de Pedro. Nessa resposta, inclui um macarismo, uma bem-aventurança: “Feliz és tu, Simão, filho de Jonas” (v. 17). A felicitação a Pedro é feita retomando a forma semítica do nome e a identificação do pai. Em seguida, é mencionada a razão para a felicitação: “porque não foi um ser humano que te revelou isso, mas o meu Pai que está no céu”. Para Mateus, saber quem é Jesus só é algo possível se vem de Deus, porque é uma revelação de alguém que também é Deus. Por isso, é importante para Mateus juntar ao título de Messias os de Filho de Deus e de Filho do Homem.

O título de Messias identifica a missão salvífica de Jesus, sua condição de enviado

De peregrinos a apóstolos

Seguindo os passos de Jesus

Pe. Flávio Sobreiro



128 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Trata-se de um itinerário espiritual que tem por objetivo ajudar o leitor a crescer gradativamente na vida de oração por meio de uma metodologia dinâmica e prática. O livro irá ajudá-lo a percorrer um caminho, para que de peregrino passe a apóstolo consciente da sua missão, sendo testemunha do amor, da paz e da misericórdia. Ao longo da obra, aprende-se a melhorar a qualidade da vida de oração, para que ela transforme o leitor de modo maduro e equilibrado.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



da parte de Deus; os de Filho de Deus e de Filho do Homem, sua condição divino-humana. Ironicamente, os títulos aqui indicam coisas diferentes do que parecem à primeira vista.

O título de Filho de Deus indica mais o caráter humano de Jesus, pois faz referência à adoção do rei como filho por Deus. Por sua vez, o de Filho do Homem indica seu caráter transcendente, pois se refere ao personagem celeste de Dn 7.

Mateus vai mais longe e justifica a escolha de Pedro como alicerce e suporte da Igreja pelo fato de que a ele foi revelado por Deus quem era Jesus. As prerrogativas de Pedro são as de um alto funcionário, com grande autoridade no Reino dos céus. Assim, compreendemos por que anteriormente se falou tanto sobre o Reino dos céus: o que era, os que fariam parte dele, seu grande valor etc. Só depois de tudo isso o texto mateano é arrematado como os demais, com a advertência aos discípulos para que não digam a ninguém que Jesus era o Messias.

2. I leitura (Is 22,19-23)

A primeira leitura é tirada do profeta Isaías e traz um acontecimento histórico muito particular: a substituição do administrador do palácio de Davi. Sobna é destituído e, em seu lugar, será instituído Eliacim. O texto descreve a ascensão de Eliacim por meio das vestimentas e das responsabilidades que lhe serão conferidas. Diz claramente: “o vestirei com a tua túnica e colocarei nele a tua faixa, porei em suas mãos a tua autoridade” (v. 21). Há uma vestimenta própria para quem ocupa tão alto cargo. Ele “leva aos ombros” a chave da casa de Davi, ou seja, é o guardião da chave, o responsável pela casa. Sua autoridade é tal, que, se ele fechar, ninguém poderá abrir e, se abrir, ninguém poderá fechar. Enfim, sua autoridade é indiscutível. Será fixado como estaca e aí terá o trono de glória.

3. II leitura (Rm 11,33-36)

A segunda leitura traz um hino literariamente muito próximo do cântico de Is 40,13. De modo muito especial, o questionamento sobre quem teria sido conselheiro do Senhor ou quem teria conhecido seu pensamento exprime uma exaltação da condição de Senhor em relação às capacidades humanas. Aproxima-se também do Salmo 138, quando faz referência aos juízos inescrutáveis e caminhos impenetráveis. Os louvores e atributos direcionados a Deus nos textos veterotestamentários são aplicados ao Cristo pelo apóstolo. Ele é o Senhor a quem tudo pertence e a quem é devida a glória para sempre.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Para esta liturgia, temos duas possibilidades de reflexão: uma centrada na condição de Messias de Jesus e outra no papel do “subordinado” que é exaltado e a quem é conferido grande honra e poder. A segunda possibilidade é claramente marcada pela primeira leitura e pelo final do evangelho, quando este faz referência ao “primado de Pedro”. O trecho neotestamentário é inspirado no texto de Isaías, pois algumas imagens têm o mesmo sentido, embora sejam modificadas. No Evangelho, temos a pedra como fundamento, firmeza, enquanto, no texto profético, essa ideia aparece com a imagem da estaca; a chave da casa de Davi se torna as chaves do Reino dos céus; o poder das chaves e a autoridade indiscutível aparecem do mesmo modo nos dois textos. Assim, Pedro ocupa no Reino dos céus o lugar que ocupa Eliacim no reino (casa) de Davi.

A primeira possibilidade, a que mais corresponde à liturgia deste domingo como um todo, centra-se na confissão petrina sobre Jesus, que vai além da confissão em sua messianidade. O lugar de autoridade no Reino é concedido por um senhor/rei. É esse Senhor que está presente nas três



leituras: é o Senhor quem informa a Sobna que este será substituído por Eliacim; é o Senhor Jesus quem diz a Pedro que este será o fundamento (pedra) da Igreja; é o Senhor Jesus que está junto do Senhor (Pai), a quem é dirigido um hino de louvor, pois, afinal, “tudo é dele, por ele e para ele. A ele a glória para sempre. Amém!”

22º DOMINGO DO TEMPO COMUM
30 de agosto

A cruz: caminho do seguidor de Jesus

I. INTRODUÇÃO GERAL

Na liturgia dos domingos anteriores, foram consideradas a questão do Reino dos céus, daqueles que pertencem ao Reino e dos que não pertencem, e a do reconhecimento de Jesus como Messias (Cristo), Filho de Deus e Filho do Homem. Neste domingo, a liturgia considera o destino do Messias e de seus seguidores. Falar em nome de Deus trará consequência para o profeta, seguir seu enviado também. É nessa linha que caminham o Evangelho e a primeira leitura. A segunda leitura é uma exortação para que os cristãos se assemelhem ao Mestre na entrega da própria vida. O que se espera dos seguidores do Messias é justificado pelo desejo de Deus expresso no salmo: “A minha alma tem sede de vós como a terra sedenta, ó meu Deus!” (Sl 62).

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Mt 16,21-27)

A leitura deste domingo continua a do domingo passado. Depois da confissão de Pedro e dos discípulos, dos quais Pedro é o porta-voz, segue-se a primeira unidade de predição da paixão. Nesse trecho, o evangelista apresenta o anúncio da paixão como ensinamento de Jesus a seus discípulos. A esse anúncio, Pedro, novamente ele, toma Jesus

Formando líderes servidores

Seguindo os passos do Mestre Jesus

Romério de Mello Santana



144 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK

É um livro para líderes ou futuras lideranças que queiram inspirar-se ou simplesmente conhecer o maior exemplo de líder e mestre que já existiu: Jesus Cristo.

Dessa forma, se destina para quem exerce qualquer tipo de liderança e queira saber como esse líder, que tinha uma equipe de colaboradores tão simples e desacreditada, conseguiu inspirá-los e transformá-los em grandes líderes, capazes, por sua vez, de formar muitas outras lideranças.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



à parte e o repreende. É um tanto estranho que um discípulo tenha tal autoridade para se dirigir ao Mestre e chamar sua atenção. É verdade que, no Evangelho do domingo passado, foi narrado o lugar especial que Pedro ocupa no Reino dos céus e a autoridade que lhe foi conferida, mas nem isso o põe em condições de superioridade em relação ao Senhor. Por isso, Jesus, diante da censura de Pedro, repreende-o duramente: “Vai para trás de mim, satanás!” (v. 23). Nossas traduções normalmente trazem: “Afasta-te de mim, satanás!”. Essa tradução não faz jus à mensagem do texto, pois deixa na obscuridade o fato de que Jesus diz a Pedro que assumo o lugar de discípulo, ou seja, atrás do Mestre. Pedro não é o Senhor, mas o discípulo, que ainda tem muito a aprender.

O que começa como um ensinamento dirigido a Pedro é expandido agora aos outros discípulos. Nesse ensinamento, Jesus deixa claro que a cruz é condição para seu seguimento. Não é possível seguir a Cristo negando a cruz, pois o discípulo não é maior que o Mestre. A mesma ideia é reforçada pela frase: “Quem quiser salvar a sua vida vai perdê-la; e quem perder a sua vida por causa de mim vai encontrá-la” (v. 25). O final da leitura retoma o tema do julgamento escatológico, presente nas parábolas do Reino, por meio da noção de retribuição.

2. I leitura (Jr 20,7-9)

A primeira leitura, tirada do profeta Jeremias, traz um trecho comumente retomado no âmbito vocacional. Essa leitura, porém, foi um pouco romantizada, pois o profeta está reclamando a Deus por causa dos sofrimentos advindos de sua condição de profeta. Falar em nome de Deus lhe causa muitas dificuldades, a ponto de declarar que a Palavra do Senhor lhe é fonte de vergonha (v. 8). O sofrimento é tal, que o profeta deseja não mais falar em nome de Deus, nem mesmo lembrar. No entanto, está tão ligado ao Senhor, que sente

interiormente um ardor em seu corpo, o qual o leva a desfalecer. Ele não pode simplesmente se afastar do Senhor e de seus caminhos.

3. II leitura (Rm 12,1-2)

A segunda leitura, da carta ao Romanos, traz uma exortação aos cristãos para que façam da própria vida um sacrifício santo e agradável a Deus. Isso significa simplesmente viver voltado para Deus e para seu projeto salvífico. Essa entrega é um culto a Deus. Além disso, a carta exorta, como consequência da primeira exortação, a transformar a mentalidade, ou seja, a não viver conforme a lógica do mundo, contrária a Deus. Não se conformar com o mundo supõe conformar-se ao Cristo e, assim, viver segundo a vontade divina.

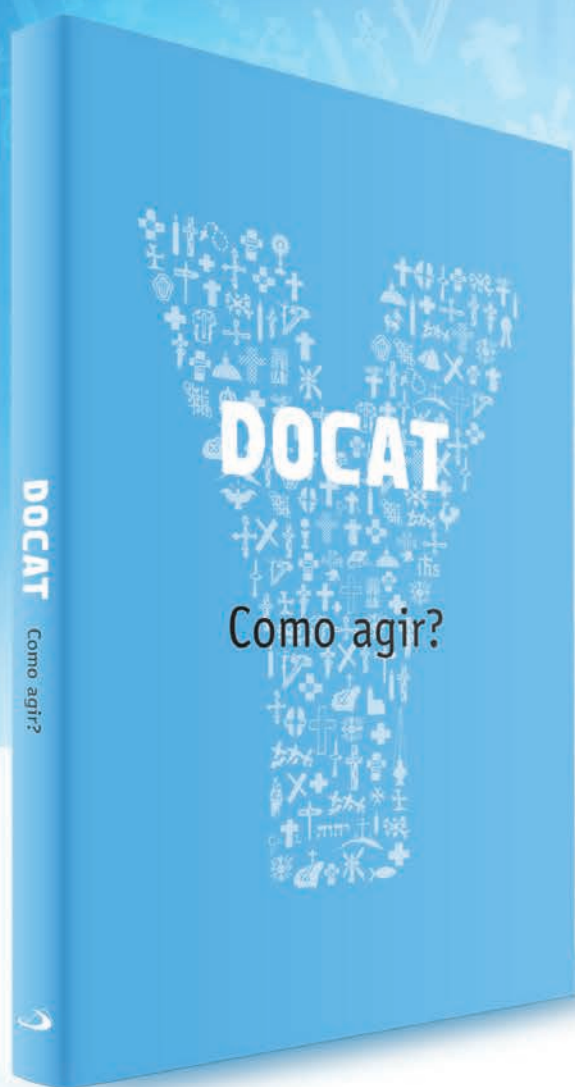
III. PISTAS PARA REFLEXÃO

As leituras da liturgia deste domingo estão voltadas para a questão do seguimento de Cristo. Segui-lo supõe viver como ele viveu e, em alguns casos, morrer como ele morreu. É nessa linha que o apóstolo exorta e anima os cristãos a se oferecerem como sacrifícios vivos, santos e agradáveis a Deus. Conformar a vida ao Cristo supõe tomar a cruz como o Mestre a tomou, para ser fiel à missão que lhe fora confiada pelo Pai. Do mesmo modo, o profeta Jeremias, mesmo sentindo toda dor que lhe causava a missão de falar em nome de Deus, não consegue afastar-se de Deus e negar sua missão.

A cruz, para Jesus, foi consequência da fidelidade à sua messianidade e, por isso, ela se torna distintivo dos seus seguidores. Portar a cruz ou fazer o sinal da cruz é um modo de testemunhar que somos seguidores de Cristo, mas o sinal externo deve ser consequência de uma adesão interior tão profunda, que nem o perigo de uma cruz verdadeira, instrumento de tortura, se torne capaz de nos afastar de Deus e da missão que nos foi confiada. É essa, em última instância, a exortação do autor da carta aos Romanos.

Mudar o mundo com a força do **EVANGELHO**

Uma forma dinâmica para os jovens conhecerem
e aplicarem a Doutrina Social da Igreja!



DOCAT Como agir?

Com prefácio do Papa Francisco

O *DOCAT* é a tradução popular da Doutrina Social da Igreja feita especialmente para os jovens. Lançado na Jornada Mundial da Juventude, em Cracóvia, o *DOCAT* é um presente e um apelo da Igreja a todos os que são capazes de aliar o entusiasmo da juventude à inabalável fé em Cristo. Faça parte do sonho do Papa. Afinal, um cristão que não é atuante nas realidades concretas do mundo não é cristão de verdade.

“Eu tenho um sonho: que um milhão de jovens, uma geração inteira seja, para os seus contemporâneos, uma Doutrina Social em movimento.” (Papa Francisco)

A PALAVRA DE DEUS

está ao seu alcance,
ESTÁ EM SUA BOCA
e em seu coração!

(Dt 30,14)



CAMPANHA BÍBLICA PAULUS 2020

Fiel à sua missão e em sintonia com a Igreja, a **PAULUS** põe ao seu alcance as melhores traduções da Bíblia, com versões apropriadas para a animação bíblica da pastoral e para a catequese, em linguagem atualizada e acessível; para estudo; meditação e aprofundamento pessoal e comunitário.

Consulte os descontos e as condições especiais da campanha.

Vigência: de agosto a setembro de 2020.